Em Defesa das Raças

Um Protesto contra o Multiculturalismo

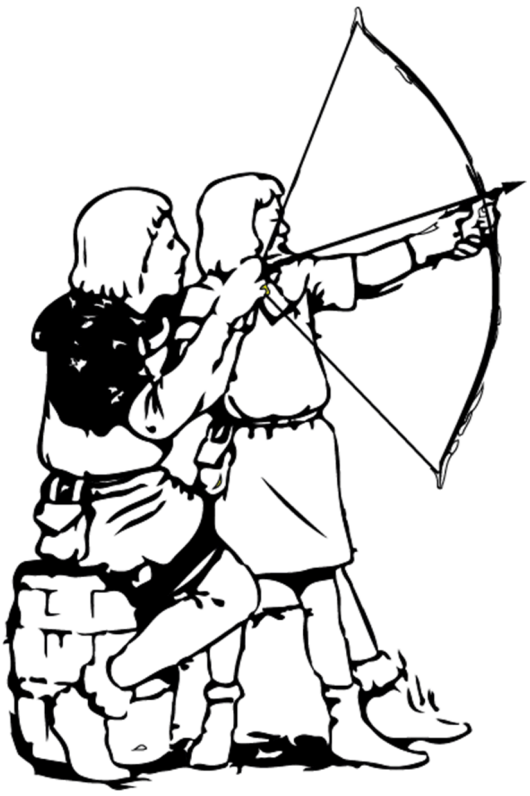


Guilherme von Groll Stevens

Sentinela

Em Defesa das Raças

Um Protesto contra o Multiculturalismo



Guilherme von Groll Stevens

SENTINELA

Texto de acordo com a nova ortografia

Copyright © Guilherme von Groll Stevens

Edição: O Sentinela – Mídia Crítica Independente

Endereço eletrônico: (https://www.osentinela.org)

Capa: Pedro Alexandre Alves de Araújo

Revisão: André R. Marques e Guilherme von Groll Stevens.

As pretensões da obra se encontram explicitas na sessão de "Apresentação" presente neste livro.

Referência:

STEVENS, Guilherme von Groll. **Em Defesa das Raças**: Um Protesto contra o Multiculturalismo. 1ª. ed. Rio Grande do Sul: Sentinela, 2019. 80 p. *E-book*.

Todos os Direitos Reservados.

Primeira versão em e-Book digital disponível para leitura livre e download desde que respeitados os devidos parâmetros da lei nº 9.610 de direitos autorais brasileira.

Respaldo legal:

Art. 1º, V, art. 3º, I, IV, V, VIII e IX e art. 220, § 2º da Constituição Federal Brasileira de 1988, presentes no TÍTULO I - DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS, TÍTULO II - DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS e CAPÍTULO I -DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS, TÍTULO VIII - DA ORDEM SOCIAL e CAPÍTULO V - DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Respeitando a lei nº 9.459, § 1º, 2º, § 3º, I, II e III, § 4º de 13 de maio de 1997, expressa no art. 20 do Código penal brasileiro.

Sumário

Apresentação.....6

Agradecimentos.....8

Introdução.....9

I. O que é coesão nacional.....13

II. Os pilares da coesão.....21

III. A função estatal no fomento a coesão.....25

IV. A cultura como fator de união.....35

V. A Raça como fundamento nacional.....46

VI. Raças humanas existem, mas querem destruí-las.....54

VII. A questão econômica exemplificada pelos Confederados Americanos.....70

VIII. Explicitando os problemas da miscigenação.....73

IX. Conclusão.....76

Referencias bibliográficas.....77

“*Se uma lei é injusta, um homem não apenas está certo em desobedecê-la,*

como ele tem a obrigação de fazê-lo.

Thomas Jefferson

Apresentação

Este é um livro cientifico na sua maior parte, ou seja, procuro argumentos racionais para defender o que acredito. Mas apesar disso, sabemos que orgulho é um sentimento, o nacionalismo que inflama no coração das pessoas também o é, aquilo que move um homem ao encontra da lâmina de uma espada na guerra, na defesa de seu povo, é o mais puro sentimento, o amor ao *Volk*. Aquilo que tira um homem do campo de batalha, e o faz desertar, também é o mais puro sentimento de covardia.

Os sentimentos inflamados nas massas também sustentam nações. Nacionalismo não se faz com dados, e sim com histórias de glória do povo, contados por um orador eloquente. E também não se faz uma nação coesa sem nacionalismo.

Portanto, em algumas partes do livro, além dos dados e das deduções lógicas largamente apresentadas, gosto também de colocar "sangue nos olhos" do leitor, quero transmitir as pessoas aquilo que também sinto.

Partindo deste principio, transcrevo abaixo uma poesia em homenagem aos povos dos quais eu descendo, justamente aqueles do norte europeu, apesar disso, quero que a mesma faça ferver o sangue dentro das veias de todos os leitores, independente do povo a qual pertença.

Glória plantada com corpos:

Guerreiros do norte,
que perpetraram sua galhardia sobre Midgardr;
A vós homenageio com frugais palavras;
Orgulho dos que tem seu sangue,
galopando dentro das veias,
dele derramado,

as montanhas do norte estão cheias;
Pobres de bens materiais,
ricos de sentimento e espírito;
Seguidores de um credo e honra de ferro,
Desbravadores do globo,
com sangue fervendo nas veias,
a vontade lhes guiava a glória como um lobo;
A semente de suas glórias,
são corpos plantados na terra,
caídos na guerra,
cativados por heróis de batalha,
e regados com sangue das espadas cortando como navalha;
Os campos semeados,
Estão de teus guerreiros,
Machados ensanguentados
glória e vingança que somos herdeiros.

Autor: *Guilherme Von Groll Stevens, 2019.*

Agradecimentos

Se você está lendo este documento, é provável que conheça o site **O Sentinela**, pois este é um dos primeiros que me deu espaço, para começar a propagar minhas ideias. Primeiro com artigos, e agora com um livro em PDF. Portanto, preciso agradecer a este, que provavelmente é um dos maiores veiculadores de conteúdo nacionalista no Brasil, onde tive uma plataforma sólida para lançar minhas ideias à tona.

Saiba que além de propagador do presente livro, a equipe do "O Sentinela" também é responsável pela correção do mesmo, sendo assim uma produtiva parceria.

Desta forma, não poderia eu deixar de citá-los neste tópico.

Gostaria de citar e recomendar também alguns autores. Hans Hermann Hoppe, um libertário da escola austríaca. Quando digo isto, a impressão passada é de que o mesmo se distancia em muito de nossa ideologia, mas pelo contrário, vários dados apresentados neste livro foram tirados de um livro de sua autoria, o qual li e gostei. Apesar de seguir uma linha anarquista, o mesmo frequentemente apresenta implicitamente uma tendência *racialista*. Além deste autor, existem vários outros que contribuíram para minha formação, tais como Ramon Bau, James Rushton, Gustavo Barroso, entre vários outros. Mas no fim das contas, a maioria dos insights apresentados, foram conclusões próprias, o que torna a obra ainda mais interessante, pois é provável que você nunca tenha lido coisas iguais em outro lugar.

Introdução

Caro leitor, lhe agradeço por dar-me atenção, dando início a leitura deste pequeno livro. Digo a você já de início, que tenho opiniões tidas como absurdas e radicais, mas não se assuste, são apenas ideias, e elas por si só não fazem mal a ninguém. Claro que algum idiota sem bom senso, pode sair por aí atacando pessoas, por ter mal compreendido o que quero dizer, mas sinceramente, não estou preocupado com isso. O mundo já está caminhando para o precipício, e isto se dá por conta de ideias opostas as minhas. Portanto, não tenho parte nas desgraças que venham a afligir a sociedade.

Quanto ao texto em si, quero a partir dele, dar a vocês uma perspectiva sobre o **Estado**, a **cultura** e a **raça**. "Raça? Como assim? De cachorros?", assim deve indagar o jovem moderno supra preocupado com os problemas sociais". Por que tanto medo da ideia de raças humanas? Vocês nunca leram realmente algum teórico desta ideia! Nunca conceberam pensar nisso! Será que realmente acham isto tão absurdo? Ou só estão com medo do seu mundo perfeito e igualitarista, desmoronar diante da argumentação? Raças fundamentam as culturas! Entenda isso, jovem doutrinado pelo sistema. Mas claro que você não deve entender, porém sobre isto discorrerei no decorrer do livro.

Acreditar na existência de raças humanas, não significa odiar aquele que tem "uma cor diferente da sua", como fazem parecer. Reconhecer a existência de raças humanas, tem a ver com a defesa da preservação dos diversos povos, das suas características físicas e culturais. E tudo isso é importante para o mantimento da união e coesão de uma nação.

Mas saiba que raças humanas existem. Há mais nadadores brancos, pois os ossos dos brancos são mais porosos, e isto facilita a flutuação. Em contra partida, negros geralmente tem mais desenvoltura como velocistas por exemplo. Esta pequena diferença deve lhe servir de exemplo, e saiba que não é só a cor da pele. As diferentes raças humanas, tem diferentes aptidões, assim como um pitbull será diferente de um pug. É impossível que milhares de anos evoluindo em continentes separados, não tenham causado diferenças. E quem nega isso, é por que nunca pensou sobre. Mas claro, esta questão da raça se restringe a alguns capítulos do livro, e a mesma não é o foco da argumentação, mas de qualquer forma, a questão racial ainda é um fator muito importante.

Alguns irão acusar-me, dizendo que minhas ideias causaram ou causarão ódio, e que eu devia ser preso. Então eu lhes pergunto: O cristianismo não matou alguns milhares na inquisição e nas cruzadas? Não apagaram culturas e destruíram povos? Os comunistas também não mataram muitos milhões na União Soviética e na China? Os EUA que é capitalista, não jogou duas bombas atômicas sobre o Japão, e não prenderam japoneses e alemães em campos de concentração? Os ingleses, também capitalistas, não incineraram mais de cem mil civis em Dresden? Todas as ideologias matam quando se está em guerra! Comunismo, capitalismo, cristianismo entre outras, mataram em diferentes momentos históricos. Mas você não é favorável a criminalização do comunismo, certo? Ou do cristianismo? Aposto que não. E por que deveríamos proibir o racialismo? Na verdade, não deveríamos, pois todos merecem liberdade de expressão. E comparado às ideologias que dominam o mundo atual, o racialismo é a que menos perpetrou ódio na humanidade. Na verdade, racialismo não tem nada a ver com genocídio. **Racialismo é a defesa da preservação da diversidade dos povos.**

Quando você mistura todas as cores de tinta num mesmo balde, elas perdem suas particularidades, e viram uma só massa cinza, sem mais haver resquício das cores originais. Isto também se dá com os povos, quando são todos misturados. Eles perdem suas culturas e raças, e viram uma só, a diversidade acaba.

Portanto, quero defender todos os povos aqui, sem muitas comparações entre os mesmos. Não quero valorar para ver qual é o "superior", isto não é importante para nosso objeto de estudo. Claro que esse igualitarismo atual é bobagem, e se as culturas são diferentes, vão existir aquelas que são melhores e aquelas que são piores. Por exemplo, é fato que a produção cultural da Grécia Antiga, era muito superior à dos "bárbaros" germânicos do mesmo período. Mas nem por isso, defendo o extermínio dos germânicos, pois apesar de no passado terem sido "inferiores", também é um fato que por volta do século XVIII, a sua produção cultural se tornou superior à dos gregos do mesmo período. Portanto, os povos evoluem e se modificam, reconhecer as suas qualidades e os seus defeitos, não implica em pregar o ódio entre os mesmos. Mas coloco esta questão histórica acima, somente a título de exemplo, contra ideias igualitaristas muito comuns em nossa época, mas este livro não terá como objetivo, o desenvolvimento de hierarquias entre as diferentes culturas.

Estou explicando tudo isso de antemão, para que não precise ficar ponderando sobre o que estou dizendo em toda parte do livro. Para que o leitor comece a ler já avisado que irá encontrar ideias diferentes no livro, e que deve estar preparado para tentar pensar um pouco “fora da caixa”, para pelo menos entender o que digo no decorrer da argumentação.

Além desta questão racial frisada, quero destacar a importância de um Estado organizado e de uma cultura forte, para a manutenção da união de

uma nação. Ou seja, para que uma nação se mantenha junta e coesa, sem sofrer com guerras separatistas ou falta de guerreiros dispostos a defende-la.

Boa leitura!

I

O que é Coesão Nacional

Antes de falarmos sobre os tais pilares que sustentam a mesma, é preciso que entendam de forma mais precisa, a que especificamente quero me referir quando falo em coesão nacional.

Quando existem movimentos separatistas por todo o país, quando o Estado é fraco, quando não existe uma cultura ou uma raça comum, quando existem muitos desertores na guerra, e poucos que querem de fato lutar por aquela terra, então tal país, não possui "coesão nacional".

Ou seja, tal país não é unido. Não tem coisas que façam com que seus cidadãos queiram mantê-lo unido.

Quando o cidadão que pertencente a uma região, sente mais orgulho da sua própria região do que do país como um todo, quando o cidadão de uma província do país, vê aquele que mora em outra província como um estrangeiro, então este país não é uma nação de verdade. É sim um Estado artificial, como se fossem vários "países" sob o jugo do mesmo governo. Será um país com fortes tendências separatistas.

No tradicional 20 de setembro, é comum vermos gaúchos soltando frases como: "antes de ser brasileiro sou gaúcho", entre outras de mesmo cunho. Em redes sociais isto fica muito claro, apesar de nenhuma estatística documentar tal fato. É claro também, que muitos gaúchos sentem mais orgulho do próprio Rio Grande do Sul - e da Revolução Farroupilha -, do que do Brasil. É fato que quando um nortista ou um nordestino vem para o sul, muitas vezes é chamado de "imigrante", como se fosse um estrangeiro.

O choque cultural entre as regiões do Brasil é muito forte, nas músicas, na indumentária, na fala. Não somos um povo, na verdade somos vários povos debaixo do mesmo governo, dentro do mesmo país. Da mesma forma que o gaúcho expressa seu amor por sua região, o homem do Nordeste, também muitas vezes se orgulha mais de sua própria cultura local do que do Brasil em si. E assim é em muitas partes do Brasil.

O Brasil é um exemplo vivo do que eu chamo de "falta de coesão nacional". E serve muito bem para o propósito deste capítulo, que a princípio era explicar-lhe o que é "coesão nacional".

E isto não poderia se dar de outra forma. O Brasil é muito grande, ao ponto que se torna impossível existir um fator de identificação entre todas estas pessoas, ou seja, nunca existirá uma cultura comum, ou símbolos comuns.

Os que moram no Sul, tem como forma de identificação entre si, coisas como as roupas tradicionais, a bandeira da Revolução Farroupilha, a própria história da Revolução, as músicas, as gírias, o hino do Rio Grande Sul, entre outras coisas. Estas são coisas que fazem parte da cultura e dos símbolos do Sul. Em várias outras partes do Brasil, também existem coisas tais como estas, como cultura e símbolos históricos, que criam uma identificação entre os residentes de determinada região. Mas a "nível de Brasil", não temos nenhuma grande história que desperte o orgulho nacional, que desperte uma identificação entre todos estes que carregam o adjetivo pátrio "brasileiro". Ou seja, está claro que o "nacionalismo" regionalizado seria muito mais forte em um país como este. E desta forma, os movimentos separatistas ganham uma força moral muito grande. Eles têm mais argumentos e mais formas de ganhar as pessoas pelas emoções, de forma que os movimentos culturais regionais são muito mais fortes, do que aqueles que tentam exaltar o Brasil como um todo.

Observe a letra da música *"Deus Gaúcho"*, do Grupo Rodeio, para fins de exemplo:

"*Contou causo missioneiro de nossa revolução*
A voz sonava em sua boca, o Rio Grande em seu coração"
"Contra a fumaça de um braseiro foi mostrando
A nossa estampa farrapa em guerras peleando
Na fé de um povo aguerrido, bravo e sem luxo
Conquistamos liberdade porque Deus nasceu gaúcho"

Além desta, podemos citar outra que exemplifica muito bem. Cantada pela dupla Cesar Oliveira e Rogerio Melo, Chamada *"Milonga Maragata"*:

"Debaixo do tempo feio
Só a coragem sustenta!
Pode faltar ferramenta
Mas sobra a fibra guerreira
Pois quem herda a procedência
Do nobre sangue farrapo
Só morre queimando trapo
Peleando pelas ladeiras"
"Com o instinto libertário
E o tino de um fronteiro
Eu era um clarim guerreiro
Pondo em forma o Rio Grande
Pois a grito e pelegaço
Fiz a pátria que pertenço
Cabrestear para um lenço
Maragateado de sangue."

Estas são músicas conhecidas no meio tradicionalista. São somente artistas, músicas comuns, não são músicas de protesto político. E mesmo não sendo, ainda assim carregam um forte cunho político quando escutadas com atenção. Perceba como são exaltadas as qualidades do "guerreiro gaúcho", e não do Brasil. Como são exaltadas as glórias da Revolução Farroupilha, do "*nobre sangue farrapo"*. O maior símbolo de orgulho da tradição gaúcha, é justamente uma guerra **separatista.** Até hoje a bandeira do Rio Grande do Sul, tem escrito sobre ela a frase *"República Rio Grandense"*, como se fosse a bandeira de um país, de uma República, e não somente de um estado da federação brasileira.

A bandeira de Minas Gerais, também carrega a frase em latim *"libertas quæ sera tamen"*. Que traduzida significa "liberdade ainda que tardia". A bandeira é reminiscência da movimentação separatista conhecida como "Inconfidência Mineira". Assim também a atual bandeira da Bahia, carrega símbolos reminiscentes da Conjuração Baiana, também um movimento separatista. A bandeira de Pernambuco também foi criada durante a Revolução Pernambucana de 1817, esta que também foi uma movimentação separatista, e a bandeira é usada até hoje.

Tudo isto exemplifica as tendências culturais de cada povo que está sob este governo brasileiro. Nós não somos "brasileiros". Nós somos sim gaúchos, sertanejos, cangaceiros, índios, alemães, italianos, e assim por diante. Temos nossas próprias culturas regionais, que nada tem relacionado com este Estado brasileiro enorme.

O Brasil tem um histórico de várias revoluções separatistas, que resultaram em mortes e gasto de recursos, e se o mesmo fosse mantido fragmentado desde o começo, estes problemas seriam evitados. Muitos dos que vivem sob o jugo deste governo de proporções continentais, se sentem parasitados.

Vejam esta lista de movimentos separatistas atuais existentes no Brasil:

- O Sul é meu país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná);
- São Paulo Livre;
- Movimento República de São Paulo;
- Movimento Separatista Candango (Distrito Federal);
- Movimento Nordeste Independente;
- Movimento Amazônia Independente (Região Norte);
- O Espírito Santo é o meu país;
- Movimento São Paulo Independente;
- O Rio é o meu país (Rio de Janeiro);
- Frente Libertária Nordeste Livre;
- Nação Sulista (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná);
- Movimento pela Independência do Pampa (Rio Grande do Sul);
- São Paulo para os paulistas;
- Movimento MS Independente (Mato Grosso do Sul);
- República Federativa da Bahia;
- República de Goiás;
- Mato Grosso é o meu país;
- Movimento São Paulo Livre;
- Frente Libertária Nordeste Independente;
- Grupo de Estudo e Avaliação de Pernambuco Independente;
- Movimento Ceará Meu País;
- Movimento Minas Gerais Liberta;
- Movimento Brasília Independente;
- Brasília é meu país;
- Movimento Roraima independente;

- Movimento Nordeste é Minha Nação;
- Movimento Separatista do Mato Grosso;
- Movimento Nacional Sulista;
- Neuland;
- Blood e Honor;

Além desta lista atual, também devemos lembrar das muitas revoluções secessionistas do passado brasileiro, algumas delas citadas anteriormente, tais como:

- Revolução Farroupilha;
- Revolução pernambucana;
- Conjuração baiana;
- Inconfidência mineira;
- Conjuração do Rio de janeiro;
- Cisplatina (bem-sucedida).

Quero a partir disto, exemplificar para o leitor, o fato de que o Brasil possui tendências separatistas extremamente fortes. Deve ser entendido, que tudo isto é causado pela falta de uma cultura comum, falta de símbolos que identifiquem os indivíduos entre si. As pessoas não se sentem pertencentes a este “leviatã brasileiro”. Nós todos temos “brasileiro” escrito em nossos documentos, mas esta é uma denominação vazia, sem valor, não tem nenhum significado além do cumprimento de funções burocráticas.

Pergunte a um morador do interior de Santa Catarina, o que ele é em questão de nacionalidade, o mesmo dirá com orgulho que é "alemão", isto também vale para outras partes do Brasil. Eu vejo isto diariamente aqui onde moro, as pessoas dizem "eu sou italiano", "eu sou polonês e alemão", "eu sou português". Mas em todos os seus documentos consta "brasileiro".

Porém, como eu disse anteriormente, o nome "brasileiro" tem apenas função burocrática, e o que possui valor de verdade para estes interioranos, é a cultura que está escrita com sangue dentro das veias, e não aquilo que está tratado sobre os papeis advindos do Estado.

Além dos exemplos de "nacionalismo" regional existentes no Brasil, posso citar também os EUA. Outro país excessivamente grande e multicultural, que também já sofreu por conta dessa salada de povos colocada sob o jugo do mesmo Estado. Em 1861 começavam as movimentações em prol da separação do Sul dos Estados Unidos. Queriam criar a "União dos Estados Confederados", uma nova unidade política que seria formada por 6 estados do Sul dos EUA. A revolta começou por vários motivos, e não simplesmente pela lei pró abolicionista que estavam tentando promulgar, como muitas vezes fazem parecer. Mas fato é, que os estados sulistas possuíam uma cultura e uma base econômica diferente. E cedo ou tarde, tentariam passar leis para todo o país, que não se encaixariam nas necessidades de todas as regiões. Pois com uma extensão territorial tão grande, acabam existindo muitas heterogeneidades entre os habitantes de tal país. E estas heterogeneidades, fazem com que as necessidades de cada localidade sejam diferentes, impossibilitando a viabilidade de um Estado centralizado tão grande. Até hoje a bandeira dos confederados é usada como símbolo do orgulho sulista, tal como no Brasil, onde várias pessoas também usam as bandeiras das revoluções separatistas do passado, como forma de identificação regional. Nenhum país tão grande e multicultural será unido.

As tendências étnicas sempre se salientam sobre um governo excessivamente grande. Isto pode ser exemplificado com várias secessões ocorridas mundo a fora, além dos exemplos brasileiros e norte americanos já citados. A Tchecoslováquia, fundada em 1918, dividiu-se em República

Tcheca e Eslováquia (os seus respectivos componentes étnicos) em 1993. Assim também a União Soviética, rachou-se em vários componentes étnicos em 1991. O Chipre, independente desde o ano de 1960, dividiu-se em territórios gregos e territórios turcos em 1974. E assim como estes exemplos, existem centenas de outros. Sempre os Estados tendem a se fragmentar em unidades políticas racial ou culturalmente homogêneas.

Estes Estados gigantes que existem atualmente são ilegítimos e parasitas. São uma criação moderna artificial. A natureza estatal do passado, eram pequenos reinos, cidades-estados, ou territórios anárquicos principalmente entre um Estado e outro. Mesmo os grandes impérios, eram como que sem muita representação, pois os mesmos não tinham muita influência na vida das pessoas. Ainda não existiam os conceitos de "social democracia", "socialismo", "Estado de bem-estar social", e todas estas porcarias modernas, que parabenizam o fraco e rebaixam o forte. Os Estados cobravam pouco imposto, serviam basicamente para o mantimento das forças armadas, as pessoas podiam andar de um para o outro sem alfândegas, sem visto, sem o jugo de burocracias enormes.

A natureza humana é ser livre. Precisamos fragmentar em pequenas unidades políticas, todos estes países gigantes que englobam muitas raças diferentes. **Precisamos de livre determinação dos povos.**

II

Os Pilares da Coesão

Bom, se tantos países assim se fragmentaram, ou pelo menos tem tendências a se fragmentarem, como explicado no capítulo anterior, precisamos agora examinar e tentar traçar as causas dessas instabilidades, para que assim, possamos lutar para corrigir estes desvios, e dessa forma tornar nossas sociedades mais estáveis. Portanto, vamos dar um apanhado geral nos três pilares da coesão nesse capítulo, para posteriormente falarmos de forma mais especifica sobre cada um deles em capítulos seguintes.

Como já citei até mesmo na introdução, os pilares sobre os quais as sociedades se sustentam, são o **Estado**, a **cultura** e a **raça**.

O Estado é independente dos outros dois, ou seja, o Estado pode ser forte sem necessariamente existir uma raça e uma cultura homogênea. O Estado inclusive pode ser forte ao ponto de tentar compensar a falta dos outros dois fatores. E sobre isso falarei de forma mais acentuada, num capítulo especifico.

Porém a raça e a cultura, muitas vezes dependem uma da outra, mas isto não ocorre todas as vezes, só na maioria delas. Por exemplo, os povos do sul da América do Sul, possuem uma identificação cultural. Todos eles apreciam o chimarrão, as músicas gaúchas, as roupas tradicionais. Entre estes estão os uruguaios, rio-grandenses, argentinos, entre outros. Perceba que este povo, apesar de possuir uma unidade cultural, ainda assim é extremamente heterogêneo no que se refere a raça. Pois nas regiões em que a cultura gaúcha abrange, temos índios, negros e europeus. Mas essa

diversidade racial, não impede totalmente a formação de uma cultura comum. O chimarrão por exemplo, provém dos indígenas, enquanto que o acordeão chegou com europeus, e assim houve uma fusão a partir da qual se criou uma unidade cultural. Isto não é o ideal, mas mesmo assim é melhor possuir ao menos um fator de coesão, ao invés de não possuir nenhum. Caso fosse criado um país, abrangendo todos estes Estados nacionais que cultuam a cultura gaúcha, este país já iria ser fundado com uma unidade cultural, e a partir da formação de um Estado forte, poderia ser muito coeso e unido, pois já iria nascer tendo como base pelo menos dois fatores de coesão, que são a cultura e o Estado. Atualmente estas pessoas do sul, são unidas somente pela cultura, sem um Estado nacional que as represente, como a cultura está se perdendo com o tempo, esta unidade também tende a acabar, a não ser que fosse criado um Estado para fomentá-la, tal qual o descrito acima. Mas saiba que se um país como o descrito nas linhas acima fosse criado, o mesmo seria bem mais coeso que o Brasil. Pois o Brasil tem como fator de unidade apenas o Estado, sem nem ao menos uma cultura comum. E o pior ainda, é que até mesmo nosso Estado é fraco e desorganizado, não fomenta nenhum símbolo nacional, e possui um descrédito moral enorme perante a massa da população, assim sendo aberta uma brecha para que tendências separatistas se salientem no Brasil.

Apesar de termos este exemplo gaúcho de unidade cultural sem uma base racial para fundamentá-la, saiba que isto não é o ideal. Pois esta cultura que foi criada a partir da fusão dos vários povos, não é a cultura de verdade destes que a compõe, ou seja, não é a cultura original do sangue. Quando um índio que preserva a tradição gaúcha, for pesquisar mais a fundo suas origens, encontrará algo totalmente diferente disto que ele participa atualmente. Assim como quando um germânico que vive no Rio

Grande do Sul, usa bombacha e toma chimarrão, for pesquisar sua árvore genealógica, perceberá que sua cultura de verdade, aquela que corre nas suas veias, também se diferencia muito da atual cultura gaúcha adotada pelo mesmo, e isto se dará com qualquer gaúcho que assim fizer. Portanto, apesar de ser possível criarmos uma unidade cultural e estatal, sem uma base racial, isto pode ser perigoso. Pois ao menor sinal de enfraquecimento de tal cultura e fraquejo do Estado, as tendências de sangue das pessoas se salientarão. Apesar destas pessoas possuírem uma unidade atual, a origem de seus antepassados é muito diversa, os povos antigos dos quais os mesmos sentem orgulho são variados, e esta variedade de origens, representa um fator de desunião. A unidade é atual e artificial, e pode enfraquecer quando o combustível que mantém esta chama acesa cessar.

Assim como o Brasil, que se mantém junto, mas sempre com tendências a separação, por falta dos fatores de raça e cultura, e também, pela negligencia do Estado quanto a existência desse problema. Pois o Estado, percebendo a falta de fatores de identificação entre os brasileiros, deveria se utilizar de meios para fomentar uma identificação artificial, a partir de propaganda. É obvio que tal intento seria em parte perverso, mas poderia manter esse Estado um pouco mais unido. Mas ao contrário disso, nosso Estado é desorganizado, e assim tende a fragmentação. Não temos nada em comum, apenas o Estado, e quando este enfraquece, o Brasil se dissolve, ou chega perto disso.

Quanto a raça, o terceiro fator. Ela por si só não significa nada. Raça que existe sem servir de fundamento para uma cultura, não tem sentido de ser. Por exemplo, a atual Alemanha possui uma base racial parcialmente homogênea. Apesar das imigrações, a maior parte de seus cidadãos ainda é germânico. Mas é um fato que a cultura está sendo perdida em vários lugares do mundo. Não se dá mais tanta importância para os símbolos

nacionais, para os heróis do povo, para o sobrenome, para a família, entre outras coisas que fundamentam a cultura e consequentemente o povo. Portanto, se aquelas pessoas possuírem somente características físicas que as assemelhem entre si, sem símbolos e sem orgulho de serem o que são, de nada servirá a semelhança física (fenótipo). Pois sem o orgulho e o amor pelo povo, não se cria uma unidade, não se tem como juntar a nação num grande bloco coeso e homogêneo, com aspirações direcionadas ao mesmo objetivo, sem o sentimento nacional. Portanto a mera raça comum, sem estar unida dos outros fatores, não tem valor prático.

III

A Função estatal no fomento a coesão

Após o capítulo acima, que oferece uma introdução geral do tripé Estado, cultura e raça, vamos agora partir pra uma explicação mais detalhada de cada um deles em separado.

Começando por este que é o mais visível dos formadores de coesão. Este que as pessoas mais percebem na atualidade, e que muitas vezes chegam a pensar que é o único dos fatores. Digo isto pois hoje em dia, é comum a defesa do multiculturalismo, pois dizem que o mesmo enriquecerá culturalmente o país, não percebendo que essa fragmentação cultural acabará por tornar desconexas entre si as regiões da nação. Pensam que somente por viverem sob um Estado comum, se manterão juntos, e que as tendências culturais não se manifestarão num sentido separatista.

Vou definir como Estado, esta organização que possui o monopólio da tributação e da justiça, delimita as fronteiras e organiza as forças armadas, entre outras atribuições que variam de um local para o outro.

O Estado tem uma função muito importante na identificação das pessoas entre si, e na criação de uma identidade nacional. Se um Estado estiver colocado sobre um território, formado por uma base cultural e racial comum, o que o mesmo precisará fazer, é simplesmente fomentar essas tendências a unidade, já preexistentes na sociedade. Se as pessoas pertencem a uma mesma cultura e raça, ou seja, ao mesmo povo, elas já possuem hábitos comuns, já possuem heróis nacionais comuns, possuem canções folclóricas conhecidas, tem símbolos que as identificam entre si, tem um idioma comum, uma forma de fazer as coisas que as possibilita

conviver melhor entre si, desta forma, terão uma tendência natural a unidade. Digo isto no seguinte sentido, quando os portugueses adentraram as matas brasileiras, e se depararam com indígenas, houveram estranhamentos e conflitos por conta da diferença cultural. Pense num português da época vivendo dentro de uma tribo indígena, provável que isto lhe pareça praticamente impossível, devido a grandes diferenças culturais. Mas quando índios convivem com outros índios dentro de tribos, a convivência é muito mais harmoniosa, pois há uma identificação cultural que gera uma tendência a união. Por isso digo que um Estado colocado sobre um território homogêneo culturalmente, será mais coeso, é a isto que me refiro quando falo em **"tendência a unidade".** Da mesma forma, um muçulmano que encontrar uma mulher do ocidente, andando na rua com um short curto, vai considerá-la promiscua e ficará escandalizado. Assim também os europeus, estranharam os índios seminus nas aldeias. Por que são culturas diferentes. **Multiculturalismo gera conflitos!** Isto é tão obvio quanto a exatidão da matemática. Se você não concorda com esta colocação, lhe convido a tentar "imigrar" para uma tribo indígena isolada, talvez te matem lá, ou pelo menos vão te achar estranho e não te deixarão entrar. Portanto, será mais pacifica a convivência humana se for feita entre os semelhantes, e a partir do momento que misturarmos diversas culturas num mesmo território, ocorrerão conflitos e estranhamentos, e será mais difícil manter tais pessoas unidas. Mas o que quero dizer a respeito do Estado nesse sentido, é que será mais difícil formar um país onde a leste vivam alemães, e a oeste vivam franceses (por exemplo). Pois apesar de ser fundada uma unidade política, a partir da formação de um Estado-nação, não haverá unidade cultural, e culturalmente as pessoas continuarão separadas. Caso os alemães do leste, recebam mais verbas para o desenvolvimento de sua infraestrutura, por exemplo, os franceses do oeste dirão que estão sendo parasitados, e que eles "sustentam a nação". Assim

como no Brasil ocorre tal atrito entre sulistas e nortistas. Mas caso não existisse tal fragmentação cultural, este problema não existiria, pois não estariam sendo parasitados outro povo, e sim estariam ajudando semelhantes. Caso isto persistisse em tal país hipotético, é provável que se formassem movimentos secessionistas, em prol da separação entre a parte leste e a oeste. Como argumento utilizariam as reivindicações no sentido econômico e cultural. Cito este exemplo hipotético, para que fique claro como se formam as tendências separatistas nos países em que não existe unidade cultural nem racial. Mas também gostaria de salientar que tal país hipotético poderia não ter tendências separatistas tão fortes, caso tivesse uma política descentralizada, como a Suíça por exemplo. A Suíça possui uma diversidade cultural grande, mas mesmo tendo tantos povos sob o mesmo Estado, um povo não influencia o outro em quase nada. A maioria das questões é decidida de forma regional. Portanto apesar de tal país estar formado, o mesmo está mais separado do que unido, pois a maioria dos problemas não são resolvidos a nível nacional, mas sim regionalmente. Sobre tal país falarei mais em outro capítulo.

Claro, este capítulo é sobre o Estado, então para não perdermos o foco, vamos falar sobre qual seria o papel do Estado numa situação multicultural, tal como estávamos discutindo acima.

O Estado pode descentralizar a política como a Suíça, e deixar as diferentes culturas florescerem. Ou pode formar uma cultura nacional artificial a partir de propaganda. Mas o problema é que a descentralização é um passo para a secessão, é como se fosse uma secessão parcial. Portanto, tal ideia não é do agrado da maioria dos governos atuais.

Peguemos o Brasil como exemplo novamente. No passado o que havia aqui eram povos indígenas com uma cultura totalmente diferente dos europeus. Para que os índios conseguissem se integrar na sociedade branca,

a primeira coisa feita foi tentar cristianizá-los e destruir sua cultura, para substituir a mesma pela dos europeus. Quando trouxeram os negros para a América, fizeram o mesmo. Depois que estes já falavam o mesmo idioma e professavam a mesma religião, criou-se uma "***semi-unidade***". Mas ainda existiam as diferenças raciais, que causavam muitos estranhamentos, e eram fator de separação na sociedade. Mas além desta "salada" de povos entre portugueses, índios e negros, também chegaram aqui um pouco mais tardiamente, os alemães, italianos, entre outros. Não existia unidade. Os portugueses, índios e negros, já estavam mais integrados, mas os recém-chegados alemães, ainda eram totalmente estrangeiros. Ao invés do catolicismo, os alemães eram protestantes em sua maioria, também não falavam português, e tinham hábitos totalmente diferentes, praticamente formando uma nova Alemanha dentro do sul do Brasil, como se fosse uma extensão do *Reich.* Os nacional-socialistas (conhecidos vulgarmente como '*nazistas'*) até mesmo conceberam a ideia de anexar este território a Alemanha na época em que estavam no poder, ou seja, de tantos alemães que haviam aqui, os *nazis* consideravam este território como sendo realmente uma parte da Alemanha. Vejam as mirabolantes palavras do pangermanista Otto Richard Tannenberg, escritas em seu livro *"Gross Deutschland die Arbeit des XX Jahrhunderts"* (em tradução livre: "A Grande Alemanha e o Trabalho do Século XX"):

"*A América Meridional irá nos presentear com um terreno de colonização na zona temperada onde nossos emigrantes poderão se fixar como agricultores. Chile e Argentina conservarão seu idioma e autonomia, mas exigiremos que o alemão seja considerado a segunda língua nas escolas. Paraguai e Uruguai são regiões de cultura alemã assim como o Sul do Brasil. Logo, o alemão será o idioma oficial nessas regiões*".

De acordo com o livro *"Os Senhores da Direita"*, do jornalista Délcio Monteiro de Lima, Adolf Hitler teria visto com bons olhos tal ideia. Ele acrescenta ainda que, à época, havia um manual nacional-socialista circulando por Curitiba denominado "*Auslandsdeutsche*" ("Alemães no Exterior"), que conclamava a rigorosa conservação das tradições e do idioma no âmbito doméstico. É dito que chegaram a funcionar sob a égide do Partido Nacional-Socialista, trezentas e cinquenta entidades culturais, esportivas e filantrópicas, reunidas e controladas pela Liga das Sociedades Alemãs, uma federação subordinada a Berlim. Foi preciso que o Presidente Vargas, proibisse as pessoas de falarem no idioma alemão, italiano e japonês, em território brasileiro para, assim, reprimir as tendências estrangeiras nesse país, e tentar torná-lo um pouco mais homogêneo, de forma que diminuísse o risco de apoio a Alemanha durante a guerra, por parte dos teuto-brasileiros. Se Vargas não tivesse promulgado tal lei repressiva, os alemães do Brasil teriam apoiado a Alemanha na guerra, os mesmos teriam parado de seguir as leis brasileiras, para seguir as leis alemães. E com alguns poucos agentes do governo alemão se articulando no Brasil, teriam conseguido tomar de forma moral e cultural essa parte da América, o Brasil teria se fragmentado politicamente por conta de uma prévia fragmentação cultural.

Este processo também se deu nos EUA durante a segunda guerra, mas lá ao invés de terem seu idioma proibido, o que fizeram foi prender os alemães e japoneses em campos de concentração, para que os mesmos não criassem desordens populares dentro da América, em apoio aos seus países de origem. Leia este trecho do texto *"História esquecida: os campos de concentração para alemães, japoneses e italianos na América Latina"*, publicado pelo site "O Sentinela":

"*Ao todo, 15 países latino-americanos deportariam residentes e cidadãos de ascendência alemã para centros de detenção nos Estados Unidos, muitas vezes sem recurso legal, de acordo com uma declaração do Arquivo Nacional. O internamento de mais de 120.000 nipo-americanos* (japoneses) *em campos foi reconhecido pelo Congresso dos EUA, mas a história dos latino-americanos com origens nos países do eixo foi amplamente esquecida pela história.*"

Vê-se nestes exemplos da Segunda Guerra mundial, a quantia de problemas que as heterogeneidades culturais podem causar, e o por que devemos sempre preferir a formação de Estados-nação homogêneos culturalmente. O que ocorreu aqui, foi que os governos da época, precisaram reprimir as tendências dos diferentes povos que aqui viviam. O objetivo era tornar as populações mais homogêneas, e dessa forma tentar fazê-las trabalhar como um grande bloco unido, como um povo propriamente dito. Caso contrário, os países se fragmentariam e a guerra contra o "*nazifascismo"* seria perdida. Os diferentes povos, apesar de terem um pequeno sentimento de pertencimento aos países da América, ainda sentiam mais amor aos seus países de origem. E quando viram os países da América atacando seus países de origem, se revoltaram. Ou seja, as tendências do sangue se sobrepuseram aos ditames dos Estados americanos.

Assim como os governos da América reprimiram os alemães, italianos e japoneses, para conseguir integrá-los na sociedade do novo mundo. Os portugueses também destruíram e apagaram a cultura indígena para que os mesmos pudessem participar da sociedade branca. Foram preciso séculos de repressão por parte do Estado, para que as culturas fossem homogeneizadas e conseguissem conviver de forma parcialmente pacifica dentro do mesmo território. E isto é o que temos hoje, pessoas que tiveram

suas raízes podadas, que esqueceram de sua cultura, abandonaram seu idioma materno. E por terem esquecido de seus povos, não se sentem mais pertencentes a nenhum coletivo cultural ou racial, não tem mais uma unidade a qual se integrar, não possuem os valores que vem com a cultura, justamente por não possuírem cultura alguma. Este é o destino da sociedade pós-moderna, pessoas que preferem morar sozinhas, que não se apegam a família, que não possuem um escopo de métricas morais delimitadas pela cultura e religião. Pessoas sem um povo e uma tradição, que vivem uma anarquia moral, pois sem tradição e cultura não há moral.

Então meus caros, o Estado que está colocado sobre uma base multicultural, terá que destruir por completo o tal multiculturalismo. E todas as culturas terão que ser apagadas para que o Estado mantenha suas fronteiras onde estão, para que não se fragmente. E se o leitor pensar que defendo isto, eu digo, **jamais!** Eu me sinto triste em ver a cultura alemã se perdendo, assim como um índio se sente triste em ver a cultura indígena sendo apagada. Como qualquer um fica triste quando vê e percebe que seu povo está sendo "misturado" e tendo sua cultura destruída.

Mas agora isto está colocado desta forma, não há mais um jeito de "*desmiscigenar"*. Portanto, o papel do Estado agora, é tentar "criar" uma cultura. Devem organizar o Estado e torná-lo forte, para que as pessoas deem credibilidade ao mesmo. O Estado também deve exaltar brasileiros como Santos Dumont, Airton Sena, heróis da guerra do Paraguai e da Segunda Guerra mundial, antigos líderes políticos como Vargas e Dom Pedro I, e deve transformá-los em heróis nacionais, pessoas que o povo admire, que antes de tudo, vejam como um igual, um brasileiro que fez algo grandioso. A bandeira também deve ser hasteada nas escolas e nos locais públicos. O hino deve ser cantado nas escolas, as culturas regionais que ainda existem, devem ser reprimidas e substituídas pela brasilidade.

Devem tentar criar uma cultura comum a partir de coisas que são perecidas nas mais variadas regiões. Ou seja, em todas essas medidas, seriam um caminho para as pessoas se sentissem mais brasileiras, e tivessem vontade de se manter unidas em prol deste país gigante. Para que os movimentos separatistas fossem enfraquecidos, e os guerreiros dispostos a morrer pelo Brasil, se salientassem e multiplicassem na sociedade. Assim o Brasil se tornaria coeso, e a tendência a fragmentação seria enfraquecida. Isto tudo seria simplesmente uma tentativa de criar uma cultura comum.

Veja, os ditos "brasileiros" não existem! O que existem são germânicos, italianos, índios, negros, entre outros, que tem simplesmente "brasileiro" escrito em seus documentos. O que está em seus documentos diz uma coisa, mas o que está em sua aparência, em sem sangue, diz outra! Diante disto, todas essas medidas listadas acima que deveriam ser tomadas por parte do Estado, seriam para tentar dar algum sentido a denominação "brasileiro". Pois até então, é uma denominação vazia. Entenda o que eu quero dizer, quando alguém fala em "gaúcho", logo vem a mente o chimarrão, as botas, o chapéu, as roupas diferentes, portanto ser "gaúcho", significa alguma coisa. E este estereótipo é realmente a cultura gaúcha, ser gaúcho é isto de verdade, não existindo "outra cultura gaúcha". Mas quando se fala em "brasileiro", o que vem a mente é o velho estereótipo do carnaval, das mulheres seminuas e do futebol. Mas o Sul também fica no Brasil, e isto não existe por aqui, justamente por que o estereótipo do carnaval é falso! Por que “brasileiro” não tem significado, não existem "tradições brasileiras", não existem "roupas tradicionais brasileiras", não existe nada a "nível de Brasil". O Brasil é fragmentado culturalmente, e a denominação "brasileiro" é ambígua e subjetiva.

Portanto, o papel do Estado brasileiro neste caso seria de tentar criar alguns fatores de identificação que penetrassem uniformemente todo o

Brasil, tal como descrito anteriormente. De forma que existisse algo que identificasse os brasileiros entre si, e dessa forma houvesse algo que pudesse gerar uma vontade de união e coesão.

A alternativa contrária, e que também é a alternativa a que eu sou favorável, é a fragmentação de todos os países da América em pequenas unidades políticas, como cidade-estado e pequenas comunidades. Estas unidades políticas deveriam ser as mais homogêneas possíveis. Mas claro, se alguém quisesse acabar com a própria cultura, formando uma comunidade política toda miscigenada, eu não teria nenhuma objeção contraria. Pois sinceramente, estou preocupado com o meu povo, e caso alguém tenha um pensamento contrário ao meu, que se sinta à vontade para trilhar o caminho até um precipício da decadência moral. O que eu quero é ter a minha liberdade garantida, conseguir a minha secessão, se outras pessoas forem tomar um rumo diferente numa possível fragmentação do Brasil, não seriam um alvo meu. Portanto, o que eu quero dizer é que, as tendências a fragmentação deveriam florescer livremente. Os países deste continente deveriam ser todos separados em unidades políticas bem menores.

Saibam que eu também considero a tomada da América por parte dos europeus, um erro extremo. Acredito que os indígenas que são os verdadeiros donos dessa terra, deveriam ter sido deixados aqui com sua cultura e seu estilo de vida primitivo. Pois cada sociedade vive da maneira que melhor preferir. Algumas antigas tribos da América Central, como os Mais, Astecas e Incas, construíram grandes cidades, sistemas astrológicos, sistemas de agricultura e irrigação. Portanto, apesar da maioria dos nativos americanos terem uma sociedade pouco desenvolvida, haviam exceções. A vinda dos europeus para cá, foi o que gerou todos os problemas de miscigenação e conflitos por conta do multiculturalismo. E no fim das

contas, a cultura europeia também acabou se perdendo, e não somente a indígena. Eu, por exemplo, descendo de alemães, mas mesmo assim não sei falar o idioma, não como comidas típicas com frequência, e nenhuma dessas coisas ligadas ao meu povo original. Portanto, a minha cultura também se perdeu em partes, assim como a maioria dos que hoje vivem na América.

Mas o problema já foi gerado, portanto nos resta tentar consertar o pouco que ainda existe para ser consertado a partir das ideias aqui apresentadas.

IV

A cultura como fator de união

Dentre os três fatores que aponto neste livro, acredito que a cultura seja o mais importante deles. Pois em alguns casos, a cultura consegue por si só gerar coesão, mesmo sem a existência de nenhum dos outros dois fatores. Isto ocorre no já descrito exemplo da cultura gaúcha, entre outros exemplos e descrições que farei adiante.

Já de início vou apresentar-lhes uma lista que segue logo abaixo contendo algumas das secessões da história. Nenhuma sociedade multicultural se manteve de forma pacífica por longos períodos, e as pessoas precisam entender esse problema. A coesão nacional é uma questão real e que deve ser debatida.

Verificando as dissoluções nacionais documentadas até agora, e aquelas que ainda estão ocorrendo, temos o seguinte registro:

- A Eritréia, governada pela Etiópia desde o ano de 1952, separou-se em 1993;
- A Tchecoslováquia, fundada em 1918, dividiu-se em República Tcheca e Eslováquia (os seus respectivos componentes étnicos) em 1993;
- A União Soviética rachou-se em vários componentes étnicos até 1991 – e muitos desses componentes estão ameaçados por uma futura fragmentação étnica;
- A Iugoslávia, fundada em 1918, dividiu-se em vários componentes étnicos até 1991, e o seu esfacelamento ainda se encontra em andamento;

- O Chipre, independente desde o ano de 1960, dividiu-se em territórios gregos e territórios turcos em 1974;
- O Paquistão, independente desde o ano de 1947, viu Bangladesh, tendo grupos etnicamente distintos, separar-se em 1971;
- A Malásia, independente desde o ano de 1963, viu Cingapura, com influência chinesa, separar-se em 1965;
- Na Índia, ocorrem conflitos entre sikhs e caxemiras;
- No Sri Lanka, existem conflitos com a minoria tâmil;
- A Turquia, o Iraque e o Irã, com o seu problema em relação aos curdos;
- O Sudão e o Chade, com o conflito entre árabes e negros;
- A Nigéria, com a questão referente aos *ibos*;
- A Irlanda, com o conflito entre católicos e protestantes;
- A Bélgica, com o conflito entre flamengos e valões;
- A Itália, com o seu problema referente aos habitantes de língua alemã do Tirol do Sul (Alto Ádige ou Bolzano);
- O Canadá, com o conflito entre francófonos e anglófonos.

Estes acima elencados, são alguns dos conflitos secessionistas existentes no mundo, mas lembrem-se que além destes, temos vários outros que ocorreram no Brasil, os quais já foram elencados em capítulo anterior. Também podemos citar a própria América como um todo, que num passado distante pertencia somente a Portugal e Espanha, mas que com o tempo foi se dissolvendo em várias repúblicas.

A Suíça, nos serve da mesma forma, como objeto de estudo empírico a respeito da tese aqui defendida. A Suíça é um país que apesar das heterogeneidades culturais, se mantém relativamente estável no decorrer

dos séculos. Alguns irão apontá-la, como uma "prova" da falibilidade do que estou teorizando aqui, a respeito do multiculturalismo. Mas pelo contrário. O que ocorre na Suíça, é que a mesma possui uma política extremamente descentralizada. Tal país é dividido no que chamamos de "cantões". Quase todos os 26 cantões são culturalmente homogêneos. Dezessete cantões são exclusivamente alemães. Quatro cantões são exclusivamente franceses. E um cantão é predominantemente italiano. Apenas três cantões são bilíngues. O equilíbrio cultural suíço tem se mantido estável, e existe apenas uma quantidade limitada de migração entre os cantões. Portanto, a Suíça só se mantém estável, pois apesar de na teoria ser um país, na prática encontrasse extremamente fragmentada, é quase como se fossem vários países separados, mas que estão unidos somente na teoria. Tudo que é essencial na Suíça, está regionalizado; educação, cultura, idioma, entre outras coisas. Para nós que vivemos no Brasil, parece muito estranho que um país possua quatro línguas oficiais, mas é justamente isto que ocorre na Suíça. Porém, apesar de toda esta regionalização existente em tal país, ainda assim o mesmo sofreu com movimentos separatistas. Uma destas movimentações, se deu na criação do cantão de língua francesa de Jura, separando-se do cantão predominantemente alemão de Berna em 1979, foi precedida por anos de atividades terroristas. Também ocorreu a que ficou conhecida como *"Sonderbundskrieg"* (Guerra de *Sonderbund*) de 1847. Sendo uma guerra civil iniciada após as revisões constitucionais cantonais de 1830-1831.

No capítulo anterior, citei o fato de que a formação de um Estado-nação, seria facilitada caso fosse feita, sobre um território onde exista uma unidade cultural ou racial, ou seja, um local com situação oposta à do Brasil. Um caso assim é visto na história da Alemanha, porém tal ocorrido tem mais relação com a questão da **cultura**, e não com o **Estado**, portanto

preferi deixar para citá-lo neste capitulo e não no anterior. Desta forma, gostaria de transcrever aqui, uma citação Johann Wolfgang Von Goethe, do livro *"Gespräche mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens"* (Conversas com Goethe nos últimos anos de sua vida):

"*Eu não tenho medo de que a Alemanha não vá estar unida; (...) ela já está unificada, porque as moedas alemãs Thaler e Groschen, têm o mesmo valor por todo o Império, e porque a minha mala pode passar através de todos os trinta e seis estados sem ser aberta. (...) A Alemanha está unificada no setor de pesos e medidas; na área de comércio e migração; e em centenas de outras coisas semelhantes. (...) As pessoas, no entanto, equivocam-se ao pensar que a unidade deve se expressar na forma de uma grande capital, e que essa grande cidade pode beneficiar as massas da mesma forma, como ela pode beneficiar o desenvolvimento de algumas pessoas excepcionais. (...) O que torna a Alemanha grande, é a sua admirável cultura popular, a qual penetrou uniformemente todas as partes do Império. (...) Olhe para o número de teatros alemães, que ultrapassa setenta. (...) A valorização da música e do canto e o seu desempenho não prevalecem tanto nos outros lugares quanto na Alemanha. (...)*."

Observe que Goethe nos diz que na sua percepção, a cultura havia penetrado uniformemente em todas as partes. Portanto, haviam coisas que os identificavam entre si colocadas para todos, e não somente para algumas regiões e de forma fragmentada.

Quanto ao período desta citação, o que ocorre é que o Segundo *Reich* alemão, só foi fundado em 1871 sob a liderança de Bismarck. Portanto, isto dito por Goethe, é de um período anterior a unificação da Alemanha como um Estado-nação, ou um império. Na época em que Goethe fez esta analise, a Alemanha estava dividida em mais de 30 unidades políticas semi-

independente. E o que quero exemplificar quando lhes apresento isto, é o fato de que a cultura é um importante fator de coesão. Vejam que a Alemanha estava fragmentada politicamente, não havendo um Estado se estendendo por todo os territórios habitados por germânicos. Mas mesmo assim, havia um idioma comum, uma cultura comum, e um sistema econômico parcialmente unificado. Portanto, mesmo sem ser um país propriamente dito, já existia uma "Alemanha" e um povo germânico. Quando se avistava um alemão, era possível reconhecê-lo como sendo um, simplesmente pelo seu modo de agir, pela sua aparência e pela sua cultura. Mas não existia um país ou um sistema burocrático, que o fizesse ser o que era. Na verdade, ser alemão significava pertencer a uma determinada tradição, e possuir uma tendência genética (racial) especifica. Portanto, quando tentou-se colocar todas aquelas pessoas sob o mesmo governo, não houveram muitos conflitos, pois todos já tinham uma tendência a união. Justamente por isso, a Alemanha é um país coeso sem muitas tendências a fragmentação. É um país que nunca sofreu por conta de guerras secessionistas. Nunca houveram mortes e gastos de recursos com estas questões. Justamente o contrário dos países da América, onde houveram milhares de mortes por conta das guerras geradas, a partir de tentativas de unificação e separação de países multiculturais. O Brasil, como já analisado no capítulo sobre **Estado**, perpetrou muita repressão para conseguir manter suas fronteiras onde estão, assim como a maioria dos países desta região do mundo. Atualmente, não temos mais guerras como as do passado por aqui, isto somente pelo fato de todas as culturas já terem sido reprimidas o suficiente, ao ponto de terem sido quase apagadas por completo.

Agora o leitor pode entender com mais clareza, o por que eu digo que o Brasil não é um país de verdade, e sim, vários países que somente estão unidos por conta da repressão. Observe novamente o exemplo citado

acima, onde a Alemanha não era um país propriamente dito, mas mesmo assim, era possível reconhecer um alemão, pois existia uma unidade cultural onde um alemão era identificado não por algo escrito nos seus documentos, mas sim pela sua cultura e sua raça, por algo possível de se identificar somente pelo olhar. Até atualmente é possível distinguir o que é um germânico. Porém, quando se trata de um brasileiro, não há o que o identifique ou distinga, no tocante a cultura ou a raça. Somente saberá que o mesmo é um, a partir do momento que forem apresentados seus documentos. Portanto, estamos reduzidos a um aglomerado de pessoas unidas pela burocracia. A Alemanha no passado, mesmo fragmentada no tocante a estrutura do Estado, ainda assim possuía um fator cultural de unidade. E o Brasil pelo contrário, está unido somente pela estrutura estatal, caso o Estado brasileiro seja fragmentado, não haverá mais nenhum fator que torne as pessoas "brasileiras". Ao passo que, se fragmentássemos o Estado alemão, e o dividíssemos em vários pedaços, ainda assim seria possível identificar um alemão, mesmo sem que um governo escrevesse isso nos documentos daquelas pessoas, ainda havendo um povo germânico.

Cito a vocês o caso da Alemanha pois já me basta para exemplificar o que quero dizer. Mas esta questão da unidade cultural e racial se aplica a maioria dos países da Europa. Claro, atualmente a Europa está sendo invadida por imigrantes, mas até o presente momento, ainda se mantém parcialmente homogênea. Porém, sabemos que atualmente, não se da mais tanto valor a cultura, a família, a religião, e todas estes fatores que fazem cada povo ser o que é, estes fatores que caracterizam cada povo. Digo isto no seguinte sentido; um alemão e um sueco, ou um islandês, são extremante parecidos no tocante ao fenótipo, porém, a partir do momento que os mesmos expressam suas culturas, com roupas típicas, canções folclóricas e idiomas diferentes, podemos perceber o que cada um é. Caso

estes fatores referentes as culturas se percam no tempo, todos esses povos serão "um só". E estes povos de genética parecida, não terão mais os fatores que criam a diversidade entre eles. Mas apesar de se tornarem "um só", não haverá uma unidade maior, na verdade, não haverá unidade alguma. Pois sem a cultura, e com um Estado socialdemocrata fraco como o atual, não há unidade ou coesão.

O que se prevê para o futuro da Europa é o esquecimento da cultura, sobrando apenas uma unidade racial - que também será apagada com o tempo -, por conta da miscigenação com imigrantes que adentram aos milhares aquele continente.

Multiculturalismo gerará conflitos em todos os lugares do mundo em que tentarem colocá-lo em prática. Foi assim no Brasil, e já está gerando violência também na Europa. Se você não concorda com isto, lhe convido a tentar "imigrar" para dentro de uma tribo indígena isolada da Amazônia. Como já citei em exemplo anterior, primeiro irão te achar estranho pela cor da sua pele. Depois irão estranhar o jeito que você faz coisas simples, como comer, dançar, entre outras coisas banais, e talvez te agridam fisicamente e te expulsem da tribo. Por que você é um "invasor", por que eles querem preservar sua cultura e seu modo de vida, e você representa um elemento anômalo dentro da tribo, como um corpo estranho. Estes pequenos povos e tribos isoladas, ainda não foram contaminadas pela propaganda multiculturalista do politicamente correto. Portanto, ainda possuem um forte instinto de preservação, o que é natural do ser humano.

Diferente dos fracos europeus atuais, por exemplo, que permitem aos imigrantes boçais estuprarem suas mulheres e invadirem sua terra, sem que desencadeie uma reação de proteção por parte dos homens, os europeus atuais são em sua maioria homens “fracos como moças”, frutos da sociedade moderna igualitarista.

Na noite do dia 31 de dezembro de 2016, isto era o que tínhamos em Colônia, na Alemanha: "*Um grupo de cerca de **mil homens** agiram de forma coordenada para assediar e roubar múltiplas vítimas. Segundo testemunhos, os suspeitos tinham "procedência árabe ou do norte da África"*. O que os homens alemães fizeram quanto a isto? Vestiram saias e foram protestar em "apoio as mulheres", demonstrando assim que não tem mais capacidade de dar uma resposta violenta aos ataques, e que portanto, não possuem a reação esperada de um homem, como quem diz aos imigrantes que "podem estuprar a vontade suas mulheres", pois na Europa não existem mais homens para impedi-los. Os europeus em sua maioria não têm mais atitude de homem, foram castrados pelo politicamente correto. Este ocorrido da Alemanha é um exemplo de muitos, que demonstra como a antiga cultura militarista foi perdida.

Vejam os títulos destas manchetes: *"Alemanha: **Crise de Estupros** Perpetrados por Migrantes Ainda Semeiam Terror e Destruição"; Mulheres e crianças são **sacrificadas no altar** da correção política"; "Migração: Suécia se torna a nova **capital do estupro**"; "Dados da polícia sueca revelaram que **80% dos estupros** são cometidos por imigrantes"; **"20% de aumento** no número de estupros em Londres"*. Manchetes parecidas com estas, podem ser achadas aos montes na internet em uma rápida pesquisa. O que demonstra que o esquecimento da cultura, também pode gerar outros problemas, tais como estes descritos por estas manchetes. Isto por que caso a antiga cultura militarista dos europeus ainda estivesse viva, tais imigrantes violentos teriam sido erradicados. Jamais seria permitida uma invasão tamanha na Europa medieval, ou por volta do século XVIII e XIX.

As questões bélicas, estavam muito presentes na maioria das culturas europeias antigas, as pessoas sabiam da necessidade de se cultivar os

valores de coragem e galhardia. E sabiam também, que estes eram atributos necessários, para um homem que quisesse merecer algum respeito dentro da sociedade. O militarismo faz parte do escopo de atribuições da masculinidade, ou do que se tem por "virilidade". O Hávamál, as lendas de Siegfried, as lendas de Egil Skallagrimsson, as sagas islandesas em geral, a Ilíada... toda uma gama da cultura que estava direcionada, em grande parte para questões bélicas de coragem e cultivo da imagem do homem forte e viril. Mas infelizmente, a parte guerreira da cultura europeia já foi perdida, pois caso tal invasão imigratória estivesse ocorrendo a alguns séculos atrás, os imigrantes violentos seriam mortos. Porém, atualmente, se alguém atrever-se a fazer uma defesa violenta da Europa, será rechaçado pela mídia politicamente correta, ao invés de ser exaltado como herói. Leve como exemplo a poesia escrita abaixo e encha seu peito de orgulho a partir da leitura deste trecho de um antigo poema viking:

"O filho de um rei deve ser silencioso, sábio,
E corajoso no campo de batalha,
Bravamente e de bom grado um homem deve ir,
Até o dia de sua morte."
"O covarde pensa que viverá para sempre,
Se evitar a batalha,
Mas a velhice não lhe dará paz,
Embora seja poupado das lanças."

Lendo-o, percebesse o valor dado ao guerreiro pela sociedade nórdica daquela época. Esta mesma antiga sociedade guerreira, hoje se transformou num mar de degeneração moral, um laboratório social da socialdemocracia.

A emoção do mundo está morrendo, o sangue que fervia nas veias está esfriando. Pessoas cada vez mais apáticas e individualistas. E assim, os pilares da moral e dos valores tradicionais, vão sendo derrubados a partir da

destruição do orgulho racial e nacional. Os alemães foram proibidos de cantarem o seu antigo "*Deutschland über alles*", quem o canta é acusado de "apologia ao *nazismo*". Os símbolos dos antigos *Reichs*, bem anteriores ao período nacional-socialista, tais como bandeiras e símbolos militares, foram marcados como sendo "hereges" para a sociedade moderna, pela inquisição do politicamente correto, também sendo consideradas "apologia ao *nazismo*". A maioria das demonstrações de amor à Pátria do mundo, principalmente a dos países europeus foram associadas ao "*nazifascismo"*. Páginas de "orgulho branco" são derrubadas da internet, enquanto que as de "orgulho negro", são vistas com normalidade. Em 1930, cerca de 33% da população mundial era branca. Hoje, as Nações Unidas estimam que somente 9.5% da população mundial é caucasiana. Essa porcentagem está caindo rapidamente. Isto por que os europeus não tem mais muitos filhos, e muitos estão se miscigenando. Assim o povo branco vai sendo extinto. O povo europeu está sendo punido, simplesmente por exaltar sua própria cultura e por se orgulhar de ser o que é.

Defender o seu próprio povo e os seus símbolos está se tornando crime. E assim, o próprio Sistema - de descarada -, destrói o orgulho nacional, tão importante parte da cultura.

Já que este capítulo é sobre cultura, gostaria de encerrá-lo com algumas palavras bonitas, não é exatamente uma poesia, mas em verdade, mais um desabafo escrito de uma forma diferente. Tenho como intuito, a partir dele colocar "sangue em seus olhos". Uma exaltação a povos europeus, mas que apesar disso, serve como incentivo a você, independente de qual povo pertença. Chama-se "*Nação do sangue*":

Você é um povo,

um soldado do Volk,

tem uma honra e um fardo a carregar.

O caminho reto é só um,

você sabe o que é o certo;

Pare de cambalear nessa passagem pelo mundo.

Você não está aqui para trilhar seu caminho,

e sim para MARCHAR!

Levante-se da apatia confortável e lute!

Os últimos soldados espartanos que sobraram em Termópilas,

lutaram mesmo sabendo que a guerra seria perdida,

mas a honra seria mantida.

seu ímpeto daria tempo aos outros gregos,

SUA GLORIA SERÁ RECITADA ENQUANTO EXISTIR TEMPO.

Uma espada pode ser usada para ataque

quando enfiada de ponta,

e também para defesa quando colocada de lado,

mas um machado serve somente para ataque,

os vikings usavam machados!

o passado que idealizamos era mais propício para guerras,

o inimigo estava claro diante dos olhos,

podia ser enfrentado corpo a corpo.

porém nossos inimigos atuais não se colocam nos campos de batalha,

na verdade, fazem com que nós nos matemos uns aos outros,

"dividir para conquistar"

covardes sem honra,

escondidos atrás do sistema.

V

A Raça como fundamento nacional

A raça, como sendo um pilar da coesão nacional, nunca unirá uma nação sozinha. Como já disse anteriormente, para ter algum valor, a raça precisa estar junto da cultura, caso contrário, não servirá como fator de união. As pessoas precisam se identificar através de símbolos nacionais, além da identificação racial.

Todos os nórdicos são parecidos, ou seja, tem um fenótipo semelhante, mas só isso não basta. Pois se, além deste fenótipo comum, não haver nada, não haverá coesão. É preciso que através das histórias da formação dos países, dos guerreiros do povo, das lendas e do folclore, se crie uma identificação entre os habitantes daquela região do mundo. Isto por que através destas questões culturais, comuns a todos, se criará uma identificação entre as pessoas de tal país.

Veja bem, se o sul da Suécia, for invadido por um país estrangeiro numa guerra hipotética, mas os suecos do norte por sua vez, não verem os residentes do sul como sendo irmãos compatriotas, de nada adiantará a semelhança física (raça). Pois é preciso, que através dos símbolos nacionais, façam com que o amor a pátria e o espírito de camaradagem militar, ferva no coração dos suecos de todo o país. E dessa forma defendam a nação unidos, como um só bloco, como um coletivo forte, como uma máfia onde quando "um é atacado, todos são atacados". E, portanto, todos se mobilizarão para a defesa. Isto seria uma pátria que chamo de "coesa". Uma pátria que funciona como uma grande família, e que não se desintegra fácil. Uma pátria que não se desfaz perante pressões

militares externas, e nem sob pressões separatistas internas. Pois seus habitantes, tem vontade de defender o povo ao qual pertencem e assim, tem a capacidade de manter o país estável e unido. Porém, na atualidade, os países desta região do mundo que usei como exemplo hipotético, não nos servem como exemplos reais. Ou seja, não defendem mais seu povo e sua cultura nem contra imigrantes violentos, portanto também não o defenderão em uma guerra. E quando aqueles países estiverem todos "*multiculturalizados*", regiões inteiras se tornarão totalmente estrangeiras, podendo pedir secessão a partir do argumento da diferença cultural, iniciando a desintegração da Europa, como já explicado em outras partes do livro.

Desta forma, a questão racial no tocante a coesão nacional é dos três fatores o que menos tem importância. Mas isto não quer dizer, que devemos deixar com que a diversidade genética se perca num "mar" de multiculturalismo moderno. Como eu disse, geralmente as culturas estão fundamentadas sobre as raças. Por exemplo, a cultura germânica, pertence ao povo germânico, e este por sua vez possui um fenótipo parecido, que obviamente é gerado, por uma genética muito semelhante entre seus membros. O mesmo se dá com as tribos indígenas, com tribos de negros africanos, com outros povos europeus e assim por diante. Então, o que ocorre é que no passar dos séculos, os povos foram sendo formados por uma base racial que a partir destas bases se formaram as culturas. Portanto, a maioria das culturas estão fundamentadas também sobre esta base racial. Claro que isso não é igual em todos os lugares do mundo. A cultura gaúcha por exemplo, não está colocada sobre uma base racial homogênea, como já explicado anteriormente. Porém esta é uma exceção extremamente rara. Isso ocorre, pois, tal cultura foi formada mais recentemente, já no novo mundo.

Assim sendo, o que digo quando falo que a raça é o menos importante dos fatores, é que sem o escopo de símbolos englobados pela cultura, a raça não significa nada. Porém, a questão é que muitas vezes, sem a raça comum, não ocorre a formação de uma cultura. Como disse nas linhas acima, o padrão é que as pessoas se unam com outros da sua raça para que no decorrer dos séculos as culturas se formem. Por isso que todos os índios tem o cabelo liso e pele escurecida, todos os nórdicos são brancos e em sua maioria com olhos claros, e assim por diante. Pois é isto que significa ser "um povo". Ser um povo é possuir coisas que os tornem semelhantes, sejam estas semelhanças a raça, a cultura ou o Estado, ou então os três, que é o que ocorre na maioria das vezes.

Fato é que a raças humanas são resultado de milhões de anos de trabalho da natureza, que criou a diversidade de nossa espécie. **Raça é uma das maneiras pela qual a natureza se manifesta em nós.** Se os Deuses as criaram, não devemos destruí-las. Devemos preservar nosso sangue, estirpe e cultura. Independentemente de ser negro, nativo americano, branco ou asiático, todos devem defender seus respectivos povos.

Não defendo que algum povo tenha o direito de destruir, prejudicar ou colonizar outros povos. Por mais que se considere determinada cultura/raça "inferior" ou primitiva, cada povo tem seu modo de vida que deve ser respeitado. Um índio que vive isolado no interior da Amazônia, por exemplo, não conseguirá preservar sua cultura da forma devida, caso seja obrigado a viver numa grande cidade urbana. Pois sua cultura exige o contato com a tribo e a natureza. Desta forma, mesmo que a grande cidade o ofereça um maior conforto material, o caso é que na sua comunidade haverá mais conforto "emocional". Pois estará próximo da sua tribo e sua cultura, e não passará pelos estresses da grande cidade. Assim sendo, por mais que seu estilo de vida seja "primitivo", ainda assim será o melhor para

ele, caso assim decida viver. Nenhum povo tem o direito de impor seu modo de vida sobre os demais, pois o que é "bom" ou "ruim", varia de acordo com o ponto de vista.

Veja a seguir, o que foi dito por Abraham Lincoln em 1862 na proclamação de emancipação:

*"Eu tenho insistido na colonização dos negros (*de volta pra a África*), e eu continuarei. Minha Proclamação da Emancipação estava ligada a esse plano (*de colonização*). Não há espaço para duas raças distintas de homens brancos na América, muito menos para duas raças distintas de brancos e negros... Eu não consigo pensar em maior calamidade, do que a assimilação do negro na nossa vida política e social como nossos iguais... Em vinte anos nós podemos pacificamente colonizar o negro... sob condições nas quais ele pode subir para a mais alta medida de masculinidade. Isso ele nunca pode fazer aqui. Nós não podemos nunca alcançar a união ideal que nossos pais sonhavam, com milhões de uma raça estrangeira entre nós, da qual a assimilação não é nem possível nem desejável."*

Lincoln teria proposto uma emenda na Constituição que autorizaria o congresso em recolonizar todos os negros livres de volta para a África. O que demonstra o fato de que Lincoln compreendia o que estou tentando explicar neste texto. Estava claro para as pessoas de uma época mais antiga, o fato de sociedades multiculturais serem instáveis e violentas. Lincoln se refere aos negros como "raça estrangeira". Com isso ele quis dizer que os negros eram estrangeiros aos brancos e perante os brancos. Mas no fim das contas, os próprios brancos eram estrangeiros ao continente americano, pois como sabemos, esta é uma terra legitimamente indígena. Mas apesar dessas pequenas discordâncias, quero que perceba através desta citação, que o que está sendo dito aqui não é nenhuma grande novidade. Na

verdade, todas estas ideias já são sabidas, porém foram esquecidas pelas pessoas no decorrer das décadas, em grande parte por conta de integração forçada e da propaganda pró miscigenação.

Veja esta nota da página 213 do livro *"Democracia: O deus que falhou":*

"[...] *Aliás, os muito mal falados e criticados guetos judeus, os quais foram característicos das cidades europeias ao longo da Idade Média, não eram indicativos de status jurídico inferior outorgado aos judeus, ou de discriminação contra eles. Pelo contrário: os guetos eram lugares onde os judeus, gozavam de pleno autogoverno, e onde se aplicava a lei rabínica*"

Este é um parágrafo que trata dos conhecidos “guetos judeus”. Lendo-o, o que se conclui é que os judeus se sentiam melhor quando estavam entre os seus. Pois desta forma, podiam "agir como judeus", podiam seguir aquilo referente a sua cultura e seu modo de vida. Sobre isso, se uma muçulmana usa burca no Brasil, com certeza será olhada de forma estranha e logo se sentirá desconfortável. Porém, se a usar num país muçulmano, será vista como uma pessoa comum, e poderá preservar seu modo de vida normalmente. Desta forma, é obvio que uma sociedade coesa cultural/racialmente será mais pacífica e seus cidadãos poderão levar um modo de vida de acordo com suas tradições.

Tenha em mente o seguinte exemplo: No último feriado do Ramadã, os muçulmanos que vivem na Inglaterra seguiram suas tradições normalmente, mesmo estando num país estrangeiro. Porém, os ingleses nativos, não entraram em penitência, nem seguiram nenhuma recomendação das tradições muçulmanas. Os muçulmanos imigrados para tal país se revoltaram, depredaram alguns carros, e agrediram algumas pessoas, pois ficaram indignados diante da "falta de fé" dos ingleses. Se

esses muçulmanos, estivessem num país majoritariamente muçulmano, poderiam seguir seus feriados e aplicar a lei islâmica da forma que melhor preferissem. Num país muçulmano, até mesmo o governo cria leis de acordo e financia coisas direcionadas a preservação da tradição muçulmana, da mesma forma que o governo alemão, financia a *OktoberFest*, por exemplo, e assim por diante. Cada governo preserva a tradição do seu povo. Porém, a partir do momento que um Estado-nação é composto por mais de um povo, ocorrerão conflitos como os exemplificados. Um povo reclamará que está sendo prejudicado em detrimento dos outros que coabitam tal território. Assim como no Brasil, onde os sulistas reclamam pelo fato de o Nordeste receber mais verbas que o resto do país e partindo deste ponto de vista, fundam movimentos separatistas e denigrem a imagem dos nordestinos, cria-se instabilidade e gera uma tendência a fragmentação do país. Isto por que, dificilmente um governo conseguirá preservar duas tradições ao mesmo tempo, ou suprir as necessidades legislativas de várias raças, e como visto, na maioria das vezes ocorrerão conflitos.

Os guetos judeus, como descritos acima, não eram gerados por que os outros povos da Europa almejavam segregá-los. Pelo contrário, os próprios judeus tinham preferência por tais regiões, onde podiam coabitar com outros dos seus, preservar seu povo e aplicar a lei rabínica como dito nos seus textos sagrados. Ou seja, vejam a partir disso, que muitas vezes diferentes povos, tem até mesmo diferentes necessidades legislativas, assim como os muçulmanos e a sua "sharia" por exemplo, o que claramente impossibilita que tenham uma convivência pacifica sob o mesmo governo que os ocidentais.

Citei a vocês esta questão judaica também como forma de exemplificar a quão problemática pode ser a convivência entre mais de uma

raça dentro do mesmo território e o quão pode ser afetada a coesão nacional. Tendo em vista que os judeus preferem formar comunidades próprias como descrito acima, os mesmos também criam uma tendência separatista dentro dos países, pois já os separam previamente no que se refere a disposição geográfica das raças. Porém, isto não é exclusividade dos judeus, pois podemos observar até mesmo no Brasil, o fato de existirem várias comunidades racialmente homogêneas, onde temos colônias japonesas, pomeranas alemãs, entre outras. Sendo estas, exemplos da preferência humana pela preservação racial e cultural. Neste sentido, pense num alemão chegando ao Brasil no século XIX, imigrado da Alemanha. É obvio que o mesmo iria estudar a disposição das raças neste novo país para que assim pudesse se instalar próximo a outros alemães. Não há sentido em pensar de forma diferente, justamente por conta de que está implícito na mente de todos os humanos que será melhor a convivência com outros do seu mesmo povo.

Ainda sobre a tendência humana segregacionista, Fernand Braudel forneceu a seguinte descrição do complexo padrão de separação racial, religiosa e comercial durante o auge da civilização islâmica (desde o século VIII até o século XII):

"(...) *o maghzen (o quarteirão do Príncipe) encontrava-se, em princípio, situado na periferia da cidade, bem longe dos tumultos e das revoltas populares. Próximo a ele – e sob a sua proteção –, encontrava-se o mellah (quarteirão judeu). O mosaico era preenchido por uma grande variedade de distritos residenciais, divididos por raça e por religião: havia quarenta e cinco desses distritos somente em Antioquia. "A cidade consistia em um conjunto de diferentes quarteirões, e todos viviam sob o temor de massacres." Portanto, os colonizadores ocidentais não deram início à segregação racial – embora eles nunca a tenham reprimido.*

(Fernand Braudel, A History of Civilizations [Nova Iorque: Penguin Books, 1995], p. 66)

Novamente fica demonstrada a tendência humana segregacionista. Mas caso a preferência humana de associar-se com outros iguais não tenha ficado tão extensivamente exemplificada até o momento, tenha em mente que será apresentada com maior embasamento em vários dados no capítulo seguinte a este.

O que deixo claro neste capítulo é qual a **função da raça** no que se refere a coesão nacional, sendo este o foco do livro. Portanto, no tocante a isto, saiba que a raça é um **fator de união**, pois como expliquei, a raça é o que **fundamenta** a maioria das culturas, ou seja, a maioria das culturas estão dispostas sobre uma **base** racial.

VI

Raças humanas existem, mas querem destruí-las

Muitas pessoas negam a existência de raças na sociedade atual. Portanto, neste capítulo será demonstrado as diversas diferenças entre negros, brancos e asiáticos. Diferenças essas, que são usadas como fundamento da ideia da necessidade de classificarmos os humanos em diferentes raças. Isto por que, o que se diz hoje, é que são somente "diferenças culturais", que existe somente a grande "raça humana", que somos "todos iguais", entre outras idiotices igualitaristas. Raças existem, mas estão trabalhando no sentido de acabar com esta diversidade, de forma que todas as raças se miscigenem e se tornem uma só. Portanto, o que faço aqui é uma defesa da diversidade.

Muitas pessoas atualmente negam as raças. Algo que não é de se espantar, perante a massiva propaganda igualitária. O que obviamente é uma completa falta de bom senso. Se um cachorro da raça *pug* que possui um focinho achatado, pertence a uma raça diferente de um pinscher, que por sua vez tem o focinho salientado, por que então um negro com o nariz largo, não pertence a uma raça diferente do europeu que possui o nariz fino? Bom, essa diferença é tão superficial que se torna até mesmo banal, mas para o leitor que nunca tenha pensando sobre o assunto, pode ser um bom argumento introdutório.

Todos percebem a olho nu, que as diferentes raças possuem diferentes cores. Sabemos que a pigmentação diferente da pele do negro, a pele

branca, é causada pela incidência de sol mais forte presente no continente Africano. Enquanto que na Europa, o sol tem uma presença menos acentuada. Portanto, neste caso, o que houve foi que perante uma diferença do ambiente, as raças criaram diferentes características, o que as possibilitou adaptarem-se melhor aos continentes onde habitavam. A partir desta dedução, devemos ter em mente que; diferenças no ambiente geram diferentes características, sendo este um fato largamente conhecido.

Bom, mas o sol não era a única diferença entre a Europa e a África. Isto nos leva à seguinte conclusão: devem haver bem mais diferenças entre as raças além da simples cor da pele. Tendo em vista que as diferenças nos ambientes eram bem maiores do que simplesmente a incidência de sol. Muito se fala em melanina. Dizem que a cor da pele "não faz diferença", como se a única diferença entre os povos fosse a questão da melanina. Fato é, que espalham falácias aos montes sobre o tema racial.

A Europa e a Ásia, apresentavam muitos desafios aos seus colonizadores. Por conta do frio, estes precisavam desenvolver vestimentas mais quentes, casas melhor construídas para preservar o calor interno, formas de estocagem para o inverno, entre outras coisas. Aqueles mais engenhosos sobreviveram e passaram seu gene adiante. Por conta da necessidade imposta pelo ambiente, quanto a esperteza e engenhosidade, os euroasiáticos em geral, desenvolveram mais capacidade criativa. Dando origem as primeiras cidades, sistemas postais, sistemas de esgoto, Estados organizados, tecnologias, entre outras coisas. Os negros da África por sua vez, por algum motivo, obtiveram maior evolução dos músculos e estrutura óssea, o que os torna ótimos atletas em vários esportes. A razão mais comum para explicar o sucesso dos atletas negros, é de que estes têm poucas oportunidades na vida e o esporte é só o que lhes resta. Todavia, o livro de Jon Entine, chamado *"Taboo: Why Black Athletes Dominate Sports*

and Why We Are Afraid to Talk About It", nos mostra que na verdade, os negros tem uma vantagem genética nos esportes. Negros possuem ancas mais estreitas, o que lhes proporciona passadas mais eficientes nas corridas. Possuem menos gordura corporal, mais massa magra e ombros mais largos na maioria das vezes. Entine nos explica, que estas diferenças dão aos negros supremacia no boxe, basquete, entre outros. Apesar disto, algumas destas diferenças raciais colocam um obstáculo aos nadadores negros, pois possuem ossos mais densos e pesados, o que se impõe como uma dificuldade para os mesmos neste esporte em especifico. Sobre estas questões, John Philippe Rushton, possuidor de dois doutorados pela Universidade de Londres, autor de mais de 200 artigos e 6 livros, colocado em décimo primeiro como o psicólogo mais citado, nos diz o seguinte:

"*Mas admitir que estas diferenças, raciais de origem genética têm consequências no desporto, conduz-nos a uma área onde impera um tabu, ainda maior - as diferenças raciais na dimensão do cérebro e no crime. É por essa razão que até é tabu afirmar que os Negros são melhores em muitos desportos*."

Rushton prossegue dizendo:

"*A razão porque os Brancos e os Asiáticos do Extremo-Oriente possuem maiores ancas do que os Negros, e por isso corredores mais fracos, é porque isso lhes permite dar à luz bebês com cérebros maiores. Durante o processo evolutivo, o aumento do volume craniano implicou um alargamento da pélvis das mulheres*."

Segundo Rushton, a capacidade craniana de negros em centímetros cúbicos, é de 1267, enquanto os brancos em média, possuem capacidade de 1347, e os asiáticos/orientais por sua vez tem 1364. Quero aqui que compreendam o fato de que isto não implica necessariamente que os

asiáticos sejam mais inteligentes que os brancos e os negros, estes dados referem-se à capacidade de "armazenagem" do crânio, ou seja, quão grande será o cérebro que caberá ali dentro. Golfinhos por exemplo, tem cérebros maiores que os humanos, e nem por isso são mais inteligentes. Mas claro, é um fato que os asiáticos sempre possuíram uma sociedade muito desenvolvida. Marcopolo por exemplo, ao conhecer a sociedade chinesa em 1275, descreveu-a da seguinte forma: "*Certamente que não existe raça mais inteligente na Terra do que os Chineses.*" Sabemos que Marcopolo era italiano, portanto, se estivesse traçando tal comentário dirigido aos italianos, poderíamos desconfiar de um possível proselitismo, mas como este não é o caso, prossigamos com a argumentação. A pesquisa acadêmica, de fato confirma a impressão de Marcopolo. Por volta de 200-100 a. C, os Chineses utilizavam exames escritos para selecionar os funcionários da administração pública, dois mil anos antes dos britânicos fazerem o mesmo. Já usavam papel moeda por volta do ano 1300, os europeus só desenvolveram tal pratica cerca de 6 séculos mais tarde. Chineses já usavam a bússola no século I, os europeus não fizeram isto antes de 1100. Os seja, é um fato que população asiática tem uma tendência a engenhosidade. Porém, por volta do século XIX em diante, os europeus ultrapassaram os chineses em desenvolvimento, o que demonstra que a capacidade craniana citada acima não é o único fator determinante, citei a mesma apenas como curiosidade sobre as várias diferenças entre as raças.

Alguns nacionalistas do século XIX e XX, acreditavam que os europeus pertenciam a uma **raça superior**, e que, portanto, deveriam **dominar o mundo**. Obviamente os europeus realizaram grandes feitos durante a história, mas não numa escala tão elevada quanto os asiáticos. Portanto, esta ideia não possui uma base tão sólida, pois se fossemos classificar as raças em hierarquias, no topo estariam os negros e os

asiáticos. Negros por serem superiores quanto a capacidade esportiva, e asiáticos quanto a inteligência e engenhosidade, enquanto que os europeus seriam intermediários entre os dois. Mas claro, apesar disso, no fim das contas todas as raças possuem méritos, e devem ter orgulho daquilo que fizeram de grandioso durante a história. Como disse logo na introdução, não tenho por objetivo traçar escalas de valor entre as raças. E só toquei no assunto por ser necessário ao desenvolvimento de minha argumentação.

Continuando com as evidências, vejamos as informações sobre a atual classificação humana. O nome *"Homo sapiens"*, foi utilizado pela primeira vez pelo botânico Carl Nilsson Linnæus, aportuguesado como Carlos Lineu. A palavra "*sapien*" significa "sábio". A denominação foi originalmente usada para referir-se ao homem branco, como sinônimo de "europeu". Assim sendo, muitos taxonomistas e geneticistas posteriores, partiram do princípio de que outros povos devessem ser classificados como raças diferentes. Darwin por exemplo, ainda atualmente é muito reconhecido por ter considerado "o pai" da **Teoria da Evolução**. Porém, além das ideias evolucionistas, Charles Darwin também fez descrições sobre as diferentes raças humanas, em seu livro chamado *"A descendência do homem"*. Mas esta parte de suas pesquisas é ignorada na atualidade, pois não se encaixa nas necessidades politicamente corretas do "*mainstream"* social da atualidade. Neste sentido, Darwin nos diz o seguinte:

"*Em dado período futuro, não muito distante quando medido em séculos, as raças humanas civilizadas irão certamente exterminar, e tomar o lugar, das raças selvagens por todo o mundo. Por essa altura, os macacos antropomorfos serão sem sombra de dúvida exterminados. A distinção entre o homem e os seus aliados mais próximos será, então, mais largo visto que irá intervir entre o homem num estado civilizacional mais*

avançado, como esperamos, e por essa altura os Caucasianos, e alguns macacos inferiores como um babuíno, em vez do que é agora entre o negro ou o Australiano e o gorila. "

Darwin fala dos gorilas e dos negros, como seres que ocupavam posições evolutivas no meio do caminho entre o babuíno e as raças humanas civilizadas, estas ditas “civilizadas” seriam, segundo Darwin, as raças europeias. Eu obviamente não concordo com a forma como Darwin hierarquiza as raças humanas entre inferiores e superiores e também não concordo que as raças europeias devam dominar as demais. Como já expliquei várias vezes em momentos anteriores, defendo todas as raças e culturas. Não acho que aqueles povos ditos “primitivos” devam ter seu o modo de vida substituído pelo europeu, tal como exemplifiquei com a questão indígena. Sou contra o colonialismo, pois como exemplificado pela história da América, o mesmo só trouxe morte e destruição de povos para a humanidade. E no fim das contas, tanto os colonizadores quanto os colonizados saíram perdendo, por assim dizer. Assim sendo, não quero que venham me acusar de **suprematismo ou propagação de ódio**, pois estou deixando bem claro aqui o que penso, mas não me responsabilizo por idiotas sem capacidade interpretativa. Mas então por que usei esta citação de Darwin, sendo que não concordo com grande parte do que está dito nela? Bom, apesar de tudo, o fato é que no fim das contas, o que mais fica explicito nela é que Darwin defendia ferrenhamente a existência de raças humanas. Um dos cientistas mais reconhecidos da história, tem uma parte das suas teorias completamente ignoradas simplesmente por que tais teorias não se encaixam nas ideias politicamente corretas. Mas como não podem negar suas teorias por inteiro e acusá-lo de "racista", "machista" e "homofóbico", então simplesmente fingem que a parte racial das suas ideias não existe. Isto serve para exemplificar, que estão tentando suprimir

o censo de raças, censo este que sempre esteve inculcado em todos os humanos. Destroem a noção racial a partir de cerceamento de teorias cientificas, supressão da liberdade de expressão, forte propaganda, integração forçada, entre outras coisas.

Atualmente, a ciência está subjugada pela inquisição do politicamente correto. Qualquer pessoa que faça declarações ou pesquise sobre assuntos considerados tabus, sempre será rechaçada, e terá sua carreira parcialmente destruída. A ciência que deveria ser a ala mais imparcial da sociedade, também aderiu aos dogmas pós-modernos.

Seguindo neste sentido Darwinista, a própria “ciência *mainstream*” implicitamente reconhece a existência de raças, mas claro que não a chama desta forma. Você deve lembrar de ter aprendido na escola, sobre o Homo habilis, Homo erectus, Homo sapiens, entre outros, dentre os estágios da evolução humana. Mas o fato é, que a ciência transparece apenas as diferenças existentes entre as "raças" humanas que já não existem mais, ou por que foram extintas, ou evoluíram do que eram até o que somos hoje. Esses diferentes "estágios" da evolução humana, possuíam estruturas ósseas diferentes, tamanhos cranianos diferentes, diferentes habilidades, entre outras coisas que justificavam sua classificação como sendo diferentes entre si, pois suas diferenças eram claras, e, portanto, concluiu-se que todos pertenciam ao gênero Homo, mas eram de "raças/estágios" diferentes.

Em um estudo publicado em dezembro de 2017 na revista "*Science*", confirmou-se que os primeiros hominídeos chegaram a Ásia e até próximos da Oceania, muito antes do que se pensava. O estudo mostrou também, que esses colonizadores do hemisfério norte, teriam se cruzado com outras espécies de seres humanos, tais como os neandertais e denisovanos. Ou seja, é admitido que diferentes raças humanas, teriam até mesmo

coexistido. Demonstrando que a evolução não linear e nem igual em todos os lugares ao mesmo tempo, e seria ridículo pensar algo diferente. Pois não existe nenhum motivo lógico, para os seres humanos evoluírem de forma igual mesmo estando separados e diante de diferentes adversidades apresentadas por diferentes ambientes. Mas quero destacar o fato de que no texto do qual colhi a informação, a expressão usada é justamente "espécies humanas". Portanto, mesmo que defendam até a morte o igualitarismo atual, não veem problema em admitir a desigualdade racial do passado. Até mesmo por que, negar o fato de que os humanos eram diferentes pelo menos em épocas anteriores, seria o mesmo que negar a teoria da evolução por inteiro. Mas, para admitirmos que todos os humanos são iguais na atualidade, temos de admitir que a evolução estagnou por completo após a saída da África, e continua parada até hoje, como se já estivéssemos no "ápice" por assim dizer. Mas Darwin, nunca previu nenhum freio na evolução. Pelo contrário, a mesma era constante e acontecia milênio após milênio. Tendo em vista que é admitido pela ciência o fato de poderem ocorrer mudanças perceptíveis em populações, em cerca de 50 ou 60 mil anos de evolução e, tendo em vista que este último estudo publicado na revista *Science*, nos diz que os primeiros humanos teriam saído da África, a cerca de 120 mil anos atrás, podemos concluir que nesses 120 mil anos, podem e devem ter ocorrido evoluções e mudanças que de tal forma justifiquem a classificação das diferenças entre humanos atuais como sendo questões de "raça" propriamente dita, tal como o homo habilis é diferente do erectus.

Nós não atingimos o "máximo da evolução", até por que isso não existe e não está previsto em nenhuma teoria cientifica. A evolução continua e não estagnou após a saída da África. Os humanos continuam se

adaptando e se modificando no decorrer dos milênios e isto só irá parar quando todos os hominídeos forem extintos.

Temos os exemplos de Darwin e Lineu do passado, também o exemplo atual de Rushton. Mas quero falar-lhes agora de outro cientista, este sendo um atual: James Watson, “pai” da genética moderna, premio Nobel de medicina e largamente reconhecido. Ele diz o seguinte:

"*Não há nenhuma razão sólida, para antecipar que as capacidades intelectuais de pessoas geograficamente separadas em sua evolução, provem ter evoluído de forma idêntica." "Nosso desejo de reservar poderes iguais de raciocínio, como alguma herança universal da humanidade, não será suficiente para fazer com que assim seja.*"

O que ele quis dizer, caso não tenha ficado claro nas palavras do mesmo, foi que não existe nenhuma razão para pressupormos, que pessoas de raças diferentes possuam as mesmas capacidades. E que não faz sentido, partirmos do princípio de que haja alguma uniformidade no intelecto de todas as raças, tendo em vista que as mesmas evoluíram durante milhares de anos e em total isolamento umas das outras. Portanto, tendo em vista que as diferentes raças possuem intelectos e aspirações diferenciados, também acabam por gerar diferentes culturas e desenvolveram diferentes sistemas, fazendo assim surgir a diversidade humana. Caso contrário, a tão defendida "diversidade" não existiria. E assim como possuem diferentes culturas, também devem possuir diferentes intelectos e capacidades. Veja - como já dito anteriormente -, existem mais nadadores brancos, por sua vez existem mais velocistas negros e é a isto que me refiro quando falo em "diferentes capacidades". Preciso exemplificar, pois caso não o faça, tenho certeza que alguns idiotas me acusarão de estar defendendo a supremacia branca.

Sobre o assunto relacionado, segue a baixo um trecho do artigo intitulado "James Watson, fundador da genética moderna fala sobre raça e inteligência" presente site O Sentinela:

"*Em maio de 2018, Eric Lamber, um renomado cientista de Harvard e MIT, fez uma homenagem ao Dr. James Watson, por sua fenomenal contribuição ao projeto do genoma humano. Resultado: ele foi atacado sem misericórdia, por elogiar um "homem mau"! Dr. Lamber se retratou, pediu desculpas, dizendo que não soube explicar como pode oferecer um coquetel em homenagem a um racista, sexista, homofóbico e… antissemita! E mais uma vez James Watson afundou na obscuridade. Até agora…*"

Veja, um homem que fez comentários sobre raças humanas, automaticamente se torna um "sexista", "homofóbico", entre outros rótulos infundados usados pela mídia, para acabar com a carreira de pessoas que possuem opiniões diferentes daquelas defendidas pelos "inquisidores modernos". Portanto, quando algum igualitarista lhe disser que a ideia de raças humanas não tem fundamento cientifico, lhe diga que na verdade, os cientistas atuais estão proibidos de pesquisar a respeito. E que, portanto, não existem muitas evidências contrárias a ideia *racialista*. Assim como as evidencias favoráveis também não são muito conhecidas ou estudadas, justamente por conta do cerceamento atual sobre esta parte da ciência. Nossa sociedade vive uma **inquisição moderna**. Um cientista que chegou até mesmo a ganhar o Prêmio Nobel, foi totalmente rechaçado a partir do momento que tocou no assunto racial. Pode-se pesquisar tudo, menos as raças humanas.

Sobre a histeria atual ligada a assuntos raciais, Glayde Whitney, geneticista e antigo professor na Universidade Estadual da Flórida, disse certa vez: "*A notável **resistência à ciência racial** nos nossos dias, já levou a comparações com a Inquisição de Roma*"

De fato, vivemos uma tentativa de supressão da ciência racial. Os meios que se utilizam para destruir a noção de raças, são a propaganda, a repressão, e também a integração forçada. Sobre isto, veja o seguinte parágrafo tirado de um texto sobre o assunto: "*Mas o desafio mais importante continua: décadas após o movimento pelos direitos civis, muitos americanos, brancos e negros, simplesmente não se misturam.*" Este trecho foi retirado do texto *"Por que brancos e negros ainda vivem separados em algumas partes dos EUA"*. Ao que parece, o sistema tem por objetivo misturar todas as raças e destruir as culturas. Por algum motivo, pensam que isto é bom, e tentam inculcar estas imoralidades na cabeça das pessoas. Como dito por eles mesmos no parágrafo transcrito acima, miscigenar as raças lhes é um "desafio", como se tivessem alguma ideia de engenharia social neste sentido.

Veja este dado de 2016, sobre segregação: Considerando 0 como a medida perfeita, sem nenhuma segregação, e 100 como a medida da total segregação, a maioria das áreas metropolitanas nos EUA fica entre 50 e 70, segundo pesquisa do "*Brookings Institution*". Assim como esta pesquisa, existem várias outras no mesmo sentido. Feitas com uma certa periodicidade, para verificar se as políticas de integração estão funcionando. Dizem que estão lutando **"contra o racismo"**. Como se a miscigenação total fosse resolver os problemas de conflitos raciais. Sendo que na verdade, o que ocorre é justamente o contrário. Todos os conflitos entre culturas ocorreram quando diferentes povos são colocados próximos uns dos outros, em contato entre si. Pois se mantivessem-se separados, seria impossível ocorrer algum conflito. Dois exércitos só se enfrentam quando chegam ao campo de batalha, se cada um ficar no seu quartel, não haverá guerra. Da mesma forma, se cada povo ficar no seu país, os conflitos raciais não existiriam, e no caso das raças, o campo de batalha são

os países multiculturais/raciais. Caso cada raça tivesse um Estado-nação pra chamar de seu, caso cada povo ficasse segregado ao máximo possível, não teríamos os conflitos entre raças. A integração forçada, além de não acabar com os conflitos, ainda os acentua e destrói as culturas.

Seguindo com mais algumas evidências da histeria e tabu atuais quanto a raças humanas: num texto intitulado "Existe relação entre raça e inteligência?", publicado no jornal brasileiro "Estadão" em 2009, falava-se sobre uma pesquisa proposta pela revista "*Nature*", os cientistas deveriam estudar as relações entre raça e QI. O neurocientista Steven Rose, da *Open University* (Reino Unido), argumentou no primeiro artigo, que não há sentido em tal pesquisa, e disse que ela seria "perigosa". Nas palavras dele:

"*Numa sociedade em que racismo e sexismo estivessem ausentes, a questão sobre se brancos ou homens são mais ou menos inteligentes do que negros ou mulheres não seria somente insignificante – ela nem sequer seria formulada. O problema não é que o conhecimento das diferenças de inteligência entre tais grupos seja perigoso, mas sim que não há resultado válido a ser extraído de tal pesquisa. É apenas ideologia mascarada de ciência*."

Veja como ele diz que **"não há resultado válido"** a se extrair de uma pesquisa nesse sentido. Disse também que o fato de cogitarem a possibilidade de pesquisar as diferenças raciais, é uma evidencia de "sexismo", novamente usando os rótulos padrão da mídia atual. O tabu criado pela propaganda quanto a este tema é tão grande atualmente, que não se pode nem mesmo conceber a possibilidade de pesquisar-se sobre.

Em outra pesquisa, está sobre a questão da integração, encerrada no começo dos anos 2000, analisaram 185 distritos americanos ao longo de 14 anos. Para medir o índice de exposição, ou seja, o número de estudantes

bancos e negros, que haviam entrado em contato entre si. Entre outras coisas, a pesquisa diz: "*No caso de maior segregação estudado - uma escola da Geórgia, no Estado de Atlanta - o número de negros "expostos" a brancos caiu de 68,7% para 23,1% nesses 14 anos.*" Veja o tipo de pesquisa que estão fazendo, e os termos que estão usando para se referir a integração, falando em número de negros **"expostos a brancos"**. Isto não soa estranho a você? Falam de raças humanas como algo que você "fica exposto", como se fossem doenças, radiação solar, algo que te afeta de alguma forma (in)desejada. Em outra parte do texto, os autores do estudo dizem que a integração racial é fundamental, para **"preparar os estudantes para viverem em uma sociedade multicultural."** Como se existisse algum plano para tornar a sociedade mais multicultural, ou como se a sociedade já estiver predestinada a se miscigenar. Sendo que na verdade, ela não está naturalmente destinada a isso, por que as pessoas quando deixadas à vontade, muitas vezes preferem se unir a outros semelhantes e não se misturarem, mas por conta dos intentos no sentido de integrar mais a sociedade, acabam ocorrendo as miscigenações induzidas.

Sobre isso, há um marco claro encontrado em 1954 e outro em 1968. O que ocorre, é que antes de 1954, nos EUA, havia o que chamamos de **"segregação forçada"**, ou seja, haviam banheiros para brancos e banheiros para negros separados, assentos no ônibus separados, salas de espera separadas, proibição de casamentos inter-raciais, entre outras coisas. Algo que também é nocivo, pois caso as pessoas queiram se associar com outras de raças diferentes, devem ter liberdade para tal. Resumindo, sou contra a integração forçada, mas também contra a segregação forçada, pois ambas aviltam contra a liberdade de escolha individual. Mas claro, a integração forçada ainda é bem mais nociva que a opção contrária. Continuando, em 1968, foi colocado em prática o primeiro plano de **integração forçada**.

Isso por que, mesmo banindo as proibições e segregações legalizadas que haviam antes de 1954, as pessoas ainda não estavam se miscigenando como o esperado. Portanto, criaram um plano para tentar forçar o contato entre as diferentes raças.

Jerry Rosiek, professor da Universidade do Oregon, estima que maior integração nas escolas durou 5 anos, e teve seu ápice na década de 1980. Mas ao mesmo tempo, pais de alunos brancos começaram a buscar formas de evitar essa maior integração, afirma Joseph Bagley, professor da Universidade Estadual da Geórgia. Diz também, que no Mississipi, Geórgia, ou sul do Alabama, existem escolas inteiramente negras. Quando vinha uma ordem judicial antissegregacionista em determinada escola pública, no mesmo ano abria-se uma escola privada.

Seguindo com mais evidências no mesmo sentido: em 2015, quando Obama estava no poder, manchetes como a que vemos a seguir estamparam vários posts de sites pelo mundo: "*Obama anuncia plano para combater segregação racial. Plano habitacional do presidente dos Estados Unidos pretende fomentar a integração em todo o país*". Por que Obama iria querer um plano para integrar as raças, sendo que isto é o que gera conflito? Isto não lhe soa como alguma estranha engenharia social? Até mesmo no Brasil, que já é um país extremamente miscigenado, temos uma “Secretaria de Promoção da Igualdade Racial”. Ou seja, em várias épocas e países diferentes, existem intentos no sentido de miscigenar as raças.

O que fica claro é que, com todos esses dados diante dos olhos, podemos perceber que as raças **não se misturam naturalmente**. E que mesmo vivendo sob um mesmo governo, as pessoas de diferentes raças ainda se mantém separadas, preservando suas culturas. Elas só irão se misturar em caso de indução a isso pela engenharia social.

Tal como os guetos judeus da Europa, tal como a segregação descrita por Fernand Braudel, temos também os chamados bairros negros nos EUA, ou os bairros brancos. Ou também as várias comunidades homogêneas no Brasil, como as comunidades pomeranas do Espírito Santo e de Pomerode, as comunidades alemães e polonesas do sul do Brasil, as italianas e as japonesas espalhadas por várias regiões, entre outras. Resumindo, as pessoas sempre preferem formar comunidades com outros que pertençam ao mesmo povo que o seu. Essa é a tendência natural do ser humano. Isto só será diferente, sob condições de engenharia social pró integração, como as descritas anteriormente.

É um fato. As pessoas não querem misturar suas culturas e acabarem perdendo-as por completo. As pessoas também não querem misturar suas raças e ter um filho "meio negro e meio branco". Os indivíduos só se misturam extensivamente quando são induzidos a isso por meio de integração forçada, quando crianças negras são obrigadas a estudar com as brancas, muitas vezes por falta de mais unidades escolares, quando o governo promove a convivência entre pessoas de diferentes raças. Quando vários povos são obrigados a viverem sob o jugo do mesmo Estado, sem o direito de secessão, quando as pessoas tem suas cabeças marteladas todos os dias pela propaganda multiculturalista, que as induz a pensar que querer se preservar é errado, que é “racismo”. E além disso, toda essa propaganda pró miscigenação, fica sem contra ponto algum, pois da mesma forma que a ciência é cerceada, os teóricos sociais que defendem algo no sentido *racialista*, também são rechaçados pelo *mainstream* social. Portanto, todos os problemas gerados pela miscigenação, ficam sem analise a respeito, e todos são proibidos de apontá-los.

Perceba que a maioria das tais pesquisas sobre integração que descrevi, as questões ligadas aos projetos postos em prática a partir de

1968, e as manchetes sobre Obama, são coisas facilmente encontradas em nossa língua vernácula, espalhadas por vários sites famosos. Querem acabar com os povos e não se incomodam em nos apresentar as provas de tal intento. Existe aqui documentado, algumas evidências de um plano para integração racial forçada. Algo como um "Plano Kalergi" para a América.

Não quero fazer mais nenhuma insinuação conspiratória, pois este não deveria ser o foco do livro. Mas antes de encerrar este capítulo, deixo-vos com o seguinte nome, de quem pode estar por trás dos intentos raciais aqui descritos: **"Protocolos dos Sábios de Sião"**.

VII

A questão econômica exemplificada pelos Confederados Americanos

Quero citar brevemente neste capítulo a questão da Guerra Civil Norte-Americana. Isto por que a mesma exemplifica os problemas da ordem política e econômica que podem ser gerados por Estado multicultural centralizado.

Assim sendo, sempre que um Estado se colocar sobre uma extensão territorial muito grande, acabará englobando muitos povos sob o seu jugo e assim poderá gerar os problemas apontados. Diferentes povos, englobam diferentes necessidades legislativas, e algumas vezes, diferentes bases econômicas também. Quanto a isto, podemos tomar como exemplo a questão da "Guerra Civil Americana". O que ocorreu foi que o Governo havia criado leis protecionistas que beneficiavam o Norte em detrimento do Sul. Isto por que, a base econômica de cada região era diferente. O Norte era mais industrial, e o Sul era mais agrícola. Portanto, a legislação que tentavam aplicar não se encaixava nas necessidades de todo o país, o que desencadeou uma guerra separatista. Muitos pensam que tal ocorrido histórico se deu exclusivamente por conta da questão escravocrata, mas na verdade esta visão é um tanto simplista, e os fatos reais, são um pouco mais complexos que tal visão do senso comum. Ademais, para que a questão fique clara, e seja encerrado o assunto, deixo-vos com um trecho do artigo escrito por Rafael Salomão Aguillar, intitulado *"A guerra civil americana - uma defesa do separatismo sulista"*:

"*O real motivo pelo qual a guerra foi travada foi a* ***discordância entre os projetos políticos*** *dos estados do norte e do sul americanos. O Sul, agroexportador, pretendia o estabelecimento de uma nação pró-livre comércio, com baixas tarifas alfandegárias, ao passo que o Norte, mais voltado para uma incipiente produção industrial, intentava proteger seus mercados internos. Uma vez que a União comanda a política externa do país, ambos os lados pelejavam no Congresso propugnando seus interesses. O Norte, entretanto, levava vantagem, pois dominava ambas as casas do Congresso, devido a um fato curioso que merece ser referido.*"

Ou seja, sob uma base econômica diversa, o governo não teve capacidade legislativa de criar leis que suprissem as necessidades de todos os cidadãos. Claro que este exemplo, não está ligado diretamente com a questão racial. Mas também podemos associá-lo neste escopo de argumentações, pois tem ligação direta com a questão da coesão da nação, tanto é que acabou por gerar uma guerra separatista. Na verdade, este exemplo pode ser colocado próximo a questão cultural, mas onde melhor se encaixa é na ordem de problemas econômicos.

Além da guerra civil americana, temos no Brasil a Revolução Farroupilha por exemplo, que também foi causada em partes por questões econômicas. Assim como os atuais movimentos separatistas, também muitas vezes apresentam argumentos de ordem política e econômica.

Relembre você, a questão da Suíça que foi explicada em capítulos anteriores. A Suíça apesar de ser multicultural, consegue se manter coesa, isto por conta da descentralização política existente em tal país. O que tentaram fazer nos EUA foi o completo oposto, que por fim acabou por gerar a guerra separatista.

Portanto, os fatores econômico, político e legislativo, também são causadores de coesão ou falta de coesão, dependendo da forma como são empregados. Mas apesar disto, não os classifico lado a questão do **Estado**, **raça** e **cultura**. Isto por que estes três são mais importantes, bem mais representados e exemplificados no mundo, enquanto que os fatores ligados a ordem política e econômica representam motivos menos nobres e mais materialistas. Mas mesmo assim é um fato que os mesmos existem e possuem seu peso. Portanto, aqui os deixo expostos de forma sucinta, somente para que não passem despercebidos.

VIII

Explicitando os problemas da miscigenação

O leitor com o mínimo censo interpretativo já deve ter identificado o fato de a miscigenação não ser algo desejável. Mas apesar de isto já estar implícito em todo o texto, quero também reservar este curto capítulo para apontar de forma mais clara estas questões.

Começando pela questão da tão dita **diversidade do multiculturalismo**, saiba que em sociedades multiculturais, a mesma não existe! A mistura racial e cultural destrói os povos, as culturas e raças se perdem, exterminando a diversidade. Veja, se eu tiver um filho com uma moça não alemã, como poderia eu, cobrar deste filho que preservasse a cultura alemã? Sendo que ele não seria somente alemão, e sim seria uma mistura de vários povos, ou seja, por que ele preservaria o que ele não é "por inteiro"? Se este filho de um casamento inter-racial, quisesse preservar a cultura que corre nas suas veias, teria de preservar várias, pois é um mestiço de vários povos. Isto vai até um ponto em que a mistura se torna tão grande que nem se sabe mais a que povo se pertence realmente, acabando por perder a noção da árvore genealógica, e assim não preservando mais cultura alguma. Pois de tão mestiços que estão, não pertencem mais a povo algum propriamente dito. Por isso afirmo que a miscigenação acaba com todas as culturas e raças que nela estão envolvidas. Se misturarmos várias tintas num mesmo balde, ao fim, todas serão cinza, como uma só, ou seja, a diversidade acaba e todas as cores são perdidas, tal como ocorre com a diversidade humana. Mesmo assim, aquele

que é mestiço não deve se sentir mal ou incomodado, pois não é culpado desta **anarquia racial**. Na verdade, só é mais uma vítima da propaganda contra a diversidade e pró miscigenação.

A partir do momento que determinada pessoa não possui mais tradição alguma por conta da miscigenação, como descrito acima, ela também não tem mais as métricas morais que advém da cultura. Como por exemplo, em muitas culturas existe a ideia do respeito ao ancião, a ideia de lutar pelo povo como forma de manter a honra, preservar a imagem da família, castidade, não andar pelado ou fazer sexo em público, monogamia, entre outras. A partir do momento que as culturas se perdem num "mar" de multiculturalismo, essas métricas morais citadas logo acima, também se perde. Então a sociedade chega a anarquia que vemos hoje: mulheres que protestam com seios a mostra, homens seminus em paradas gay, pessoas que defecam em foto de político como forma de protesto, divórcios se tornando normais e aceitáveis, pessoas introduzindo símbolos religiosos em seus orifícios anais em protestos de esquerda, entre outros disparates que estão se tornando comuns. As pessoas estão se tornando cada vez mais relativistas. Sem a cultura, se tornam extremamente racionalistas, e de acordo com a razão pura e prática, qual seria o problema em andar seminu na rua? Qual o problema de formar famílias poligâmicas? Qual o problema introduzir crucifixos nos anus em público como forma de protesto? Entenda o que quero dizer, sem a moral advinda da cultura, pensando apenas de forma pura e simplesmente racionalista, todas estas coisas não são realmente uma imoralidade, justamente por que sem a cultura não existe essa moral de normas sociais, então "tudo é permitido" e essas coisas não são mais realmente erradas. Surge a **amoralidade**. Portanto, muito da degeneração moral humana atual advêm do esquecimento da cultura gerado pela miscigenação.

E para preservarmos nossas culturas e mantermos nossas sociedades mais estáveis, devemos manter nossa raça, sem muitas misturas, de forma que sempre seja possível identificar a qual povo pertencemos. A prática disso é que, se uma pessoa é branca, mas possui um bisavô indígena, a mesma continuará sendo branca, independente desta pequena mistura. Pois tal gene "estrangeiro" em seu corpo é tão insignificante que não se manifestará em seu fenótipo, da mesma forma que provavelmente nunca se salientará em sua linhagem, caso a mesma se case com outra pessoa completamente europeia no que se refere a genética. O mesmo exemplo do branco, também vale para qualquer outra raça, pois estas pequenas misturas não são realmente um problema, mas só se tornam um a partir do momento que alguns **não pertençam mais a povo algum** de tão miscigenados que estão, ou seja, quando as misturas se tornam tão elevadas que descaracterizam aquilo que identifica um povo.

Além desta amoralidade, também há a questão da **instabilidade nacional**, que é o foco argumentativo do livro, como já foi largamente descrito em toda sua extensão.

Portanto os problemas gerados pela mistura racial e pelo esquecimento da cultura são enormes, e compõe uma longa lista.

Desta forma devemos preservar ferrenhamente o povo ao qual pertencemos, sem medo das retaliações sociais.

IX

Conclusão

Se você chegou até aqui, espero que tenha conseguido deixar claro para leitor, as questões ligadas ao **Estado**, a **Raça** e a **Cultura**. Que é justamente o foco do livro. Além de ter conseguido convencer-lhe da existência de raças humanas e da importância de preservá-las.

Espero que nenhum idiota saia daqui me xingando de racista, homofóbico ou qualquer outro termo pejorativo da moda. Pois em toda a extensão do livro, fui extremamente cuidadoso com as palavras, de forma a não ofender nenhum povo, e de forma a defender todos em sua diversidade. Veja, em última instancia, isto é uma defesa da diversidade e um protesto contra o multiculturalismo. Mas de forma alguma, isto aqui dito é *"supremacismo"* ou ódio.

Pelo contrário.

Referências Bibliográficas

AGUILLAR, Rafael Salomão. **A "guerra civil" americana - uma defesa do separatismo sulista**. Mises Brasil: [s. n.], 2012. Disponível em: https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1406. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRANT, Danielle. **Segregação racial em escolas resiste nos EUA**. Nova Iorque: Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/segregacao-racial-em-escolas-resiste-nos-eua.shtml. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRASIL, BBC**. SEGREGAÇÃO racial piora nas escolas dos EUA, revela estudo**. BBC Brasil.com: [s. n.], 2002. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020810_escolaseuacg.shtml. Acesso em: 14 abr. 2019.

BULWER-LYTTON, Edward**. The Coming Race**. Estados Unidos: Createspace Pub, 2013.

CORREIO BRAZILIENSE. **ARTIGO da Science diz que a Oceania foi ocupada antes do que a Ásia.** Correio Braziliense - Ciência e Saúde: [s. n.], 2011. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2011/09/23/interna_ciencia_saude,271133/artigo-da-science-diz-que-a-oceania-foi-ocupada-antes-do-que-a-asia.shtml. Acesso em: 14 abr. 2019.

DARRÉ, Richard Walther. **Neuadel aus Blut und Boden**. Alemanha: J. F. Lehmanns Verlag, 2013.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. 1ª. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

DARWIN, Charles. **A Origem do Homem: E a Seleção Sexual**. 3ª. ed. São Paulo: Hemus, 2008.

ENTINE, Jon. **Taboo: Why Black Athletes Dominate Sports And Why We're Afraid To Talk About It**. [S. l.: s. n.], 2001.

FRADERA, Ramon Bau. **Nuestras Ideas**. Barcelona: Ediciones Nueva República, 2002.

FISCHER, Frithjof (Wulf Sörensen). **Die Stimme der Ahnen**. Alemanha: Nordland-Verlag, 1935.

GEISS, Pedro Varela. **Etica Revolucionaria**. Barcelona: Asociación Cultural Ojeda, 2000.

GUTERMAN, Marcos. **Existe relação entre raça e inteligência?** Estadão - Política: [s. n.], 2009. Disponível em: https://politica.estadao.com.br/blogs/marcos.../existe-relacao-entre-raca-e-inteligencia/. Acesso em: 14 abr. 2019.

HARMON, Amy. **James Watson Had a Chance to Salvage His Reputation on Race. He Made Things Worse**. The New York Times: [s. n.], 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/01/01/science/watson-dna-genetics-race.html. Acesso em: 14 abr. 2019.

HOPPE, Hans-Hermann. **Democracia. O Deus que falhou**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2016.

LEVIN, Michael; TAYLOR, Jared. **Why Race Matters**. Nova Iorque: New Century Books, 2016.

LINNÆUS, Carl Nilsson**. Species Plantarum**. Londres: Cromwell Road, 1959. v. 2.

LIRA, Larissa Alves de. **Fernand Braudel e Vidal de La Blache: Geohistória e História da Geografia (Fernand Braudel et Vidal de La Blache: Géohistoire et Histoire de la Géographie).** Confins: Revue Franco-Brésilienne de géographie (Revista franco-brasileira de geografia), 2008. Disponível em: https://journals.openedition.org/confins/2592. Acesso em: 14 abr. 2019.

NACIONAL-SOCIALISMO: A ÚNICA SOLUÇÃO PARA O POVO PORTUGUES. [S. l.: s. n.], [s.a.]. Disponível em: https://ssbiblioteca.webs.com/NS_Lusitano.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

NILUS, Serguei; BARROSO, Gustavo (ed.). **Os Protocolos dos Sábios de Sião**: **Texto Original Completo**. 1ª. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

ONLINE, O Globo. **Nobel da Medicina choca geneticistas ao afirmar que negros são menos inteligentes**. O Globo: O Globo - Sociedade, 2007. Disponível em: https://www.amren.com/news/2016/08/the-biological-reality-of-race-2/. Acesso em: 14 abr. 2019.

O SENTINELA. **História esquecida: os campos de concentração para alemães, japoneses e italianos na América Latina**. Redação O Sentinela, 20. Disponível em: https://www.osentinela.org/. Acesso em: 14 abr. 2019

O SENTINELA**. James Watson, fundador da genética moderna fala sobre raça e inteligência**. Redação O Sentinela, 20. Disponível em: https://www.osentinela.org/. Acesso em: 14 abr. 2019

POLO, Marco; MACHADO, Ana Maria (ed.). **As Viagens de Marco Polo**. 11ª. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

RUSHTON, John Philippe. **Race, Evolution, and Behavior: A Life History Perspective**. 3ª. ed. Estados Unidos: Charles Darwin Research Inst Pr, 2000.

REICH, David. **Who We Are and How We Got Here: Ancient DNA and the New Science of the Human Past**. Estados Unidos: Pantheon, 2018. 368 p. ISBN 110187032X.

RUSHTON, John Philippe. **Gene-Culture Coevolution and Genetic Similarity Theory: Implications for Ideology, Ethnic Nepotism, and Geopolitics**. Londres: Cambridge University Press, 2016. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/politics-and-the-life-sciences/article/geneculture-coevolution-and-genetic-similarity-theory-implications-for-ideology-ethnic-nepotism-and-geopolitics/8762B405E64740567BD01BA2F97CE6F4#. Acesso em: 14 abr. 2019.

ROCKWELL, George Lincoln. **This Time the World**. Estados Unidos: Revisionist Books, 2018.

ROSE, Steven. **Should scientists study race and IQ? NO: Science and society do not benefit**. Nature - International Journal of Science: [s. n.], 2009. Disponível em: https://www.nature.com/articles/457786a. Acesso em: 14 abr. 2019.

ROSE, Steven Peter Russell. **O Cérebro do Século XXI: Como Entender Manipular e Desenvolver Mente**. 1ª. ed. São Paulo: Globo, 2006.

VAIDYANATHAN, Rajini. **Por que brancos e negros ainda vivem separados em algumas partes dos EUA**. BBC News, Washington: [s. n.], 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_eua_segregacao_fn. Acesso em: 14 abr. 2019.

VALHALLA 88. **Compreendendo o Nacional-Socialismo**. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: http://www.nacional-socialismo.com/CompreendendoNS.htm. Acesso em: 18 abr. 2012.

WATSON, James D. **The Human Genome**. Londres: Nature Publishing Group, 2001.

WHITNEY, Glayde. **The Biological Reality of Race**. American Renaissance: American Renaissance - 2016, 1999. Disponível em: https://www.amren.com/news/2016/08/the-biological-reality-of-race-2/. Acesso em: 14 abr. 2019.

X, Malcolm; HALEY, Alex. **Autobiography of Malcolm X**. Estados Unidos: Ballantine Books, 1992.